

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

FABIO JUNIO PEREIRA SOUZA

TRACEJOS DO TEMPO

As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria

[documentário]

Produto Jornalístico

Mariana
2018

FABIO JUNIO PEREIRA SOUZA

TRACEJOS DO TEMPO

**As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria
[documentário]**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Mariana
2018

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

S729t Souza, Fábio Júnio Pereira

Tracejos do tempo [gravação de vídeo] : as marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria / Fábio Júnio Pereira Souza.-Mariana, MG, 2018.

1 DVD-ROM; 4 3/4 pol.

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Idosos - Teses. 2. MEM. 3. Família - Teses. 4. Monografia. 5. Idosos - Condições sociais - Teses. 6. Velhice - Pesquisa - Teses. 7. Documentário (Cinema) - Teses. I.Rocha, Adriano Medeiros da. II.Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 364.4-053.9

: 15

: 1420829

Fabio Junio Pereira Souza

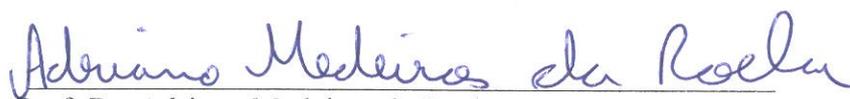
Curso de Jornalismo – UFOP

TRACEJOS DO TEMPO

AS MARCAS DO ENVELHECIMENTO E A HISTÓRIA DE IDOSOS DO LAR
SANTA MARIA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha


Prof. Dra. Denise Figueiredo Barros do Prado


Prof. Dra. Hilda Rodrigues

Mariana, 19 de julho de 2018.

Dedico este trabalho a todos que lutam e se empenham por uma vida mais digna. Aqueles que buscam uma sociedade igualitária e que não tapam seus olhos diante da *velhice*. Que haja afeto, carinho e sensibilidade para todos, sobretudo para nossos idosos.

“Na vida agente tem que procurar viver e não morrer!”

Eponina Bastos

AGRADECIMENTOS

A Deus por me dar forças quando pensei em desistir e motivos para seguir quando queria retroceder.

A minha mãe Maria dos Anjos, por ter contribuído com o meu sonho mesmo que a distância.

A meus irmãos Kaleb e Leonam, e aos amigos que sempre me apoiaram direta ou indiretamente durante essa caminhada.

A Gisele Dias por ter me apoiado na construção deste projeto e toda a força durante essa caminhada.

Aos meus queridos *velinhos* do Lar Santa Maria, por participarem direta ou indiretamente na construção deste filme, bem como na experiência passada nas visitas constantes a instituição.

Ao meu Orientador Adriano Medeiros por aceitar mais este projeto e ter embarcado comigo na construção deste incrível trabalho, além de compartilhar seus conhecimentos de forma tão generosa.

Aos meus Professores que durante esta caminhada sempre me estenderam uma mão amiga e um conselho sábio, além claro, das lições que serão válidas tanto pessoal quanto profissionalmente.

A Irmã Inocenta Dell Vale, por ter aceitado a proposta da construção do documentário na instituição.

A Vó Judite (in memoria), que é a minha avó de consideração e que sempre me recebeu alegremente todas as vezes que fui visitá-la na casa de seu filho. Este trabalho também é dedicado a senhora.

Muito Obrigado!

“A vida inteira espremida numa mala de mão”.

Eliane Brum

RESUMO

O envelhecimento deveria ser visto como uma forma bonita de entender a evolução da vida. Contudo, a mesma fase humana é estigmatizada e tratada com desrespeito, ora pela sociedade, ora pelo sistema e, em muitos casos, até pela própria família. Este trabalho traz questionamentos e ponderações a respeito do envelhecimento no Brasil, sobretudo na cidade de Mariana, no interior de Minas Gerais. A partir desta investigação iremos tratar dos pesares que o idoso enfrenta na sua jornada e de suas histórias e memórias por vezes esquecidas. Como resultado deste percurso, pretendemos constituir uma obra audiovisual, em formato de documentário.

Palavras-chave: terceira idade, família, direito do idoso, documentário

ABSTRACT

Aging shouldn't be seen as a beautiful way of understanding the evolution of life. However, the same human and stigmatized phase is treated with disrespect, sometimes by society, sometimes by the system, and in many cases by the family itself. This paper raises questions and considerations about aging in Brazil, especially in the city of Mariana, in the interior of Minas Gerais. From this investigation we will deal with the regrets that the elderly face in their journey and their stories and memories sometimes forgotten. As a result of this course, we intend to constitute an audiovisual work, in documentary format.

Keywords: third age, family, elderly, documentary

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Senhor Serafim dando risadas após comentário feito por ele.....	32
FIGURA 2 - Senhor para descobrir nome.....	34
FIGURA 3 - Eponina em entrevista no seu quarto.....	35
FIGURA 4 - Senhor Raimundo Nonato em entrevista no pátio.....	36
FIGURA 5 - Dona Efigênia Olha para a Câmera.....	37
FIGURA 6 - Senhor João Eustáquio olhando para rua.....	37
FIGURA 7 - Processo de edição (Imagem de abertura do documentário).....	39
FIGURA 8 - Processo de edição (Abertura do documentário com Título).....	39
FIGURA 9 - Processo de edição (correção de enquadramento fotográfico.....	40
FIGURA 10 - Processo de edição (construção do início do documentário).....	41
FIGURA 11 - Processo de edição (Passagem de vídeo).....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 DO ENVELHECIMENTO AO ABANDONO.....	10
1.1 O panorama da velhice.....	10
1.2 A Solidão do idoso.....	12
1.3 A percepção sobre o abandono e os direitos constitucionais do idoso.....	14
2 O IDOSO E O AUDIOVISUAL	18
2.1 Em cena a representação da velhice.....	18
2.2 O documentário e seus conceitos construtores.....	19
2.3 A memória na construção do documentário.....	22
3 RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	27
14 de Junho de 2017	27
07 de Setembro de 2017	28
06 de Novembro de 2017.....	29
25 de Março de 2018	29
31 de Março de 2018.....	31
07 de Abril de 2018.....	32
15 de Abril de 2018.....	33
22 de abril de 2018.....	36
03 de maio de 2018.....	38
Escolhas de edição.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
FICHA TÉCNICA	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Envelhecer é inerente à natureza humana. O incerto neste processo talvez seja a hora que partimos. Para muitos, nascer é tido como um processo mais fácil do que envelhecer. É certo que, conforme coloca Arnaldo Antunes (2009) sabiamente na letra da canção *Envelhecer*, “A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer...”

Em 2017, a partir de percepções sobre a cidade de Mariana e o envelhecimento, surgiu a ideia de desenvolver um filme documentário tematizando o abandono na terceira idade. Seguindo perspectivas de base, como a própria terceira idade, a família e o abandono, o filme *Tracejos do Tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, busca identificar histórias e relatos de idosos que vivem esquecidos em casas de amparo ou abrigos asilares. A proposta é registrar essas histórias, mostrando essa realidade bem próxima de nós, ora esquecida pelas famílias, ora esquecidos pelo Estado.

Para entender o envelhecimento este memorial traz em seu primeiro capítulo um panorama sobre o processo de envelhecer e dados estatísticos sobre a velhice no Brasil e no Estado de Minas Gerais, explorando ainda dados da cidade de Mariana, local de estudo deste objeto. Para tomar conhecimento sobre como é vista a velhice na sociedade, foram utilizados autores como Luiz Gilmar Delecrode (2002), que irá abordar a maneira como a chegada da idade é entendida pelo idoso, bem como dos pesares da idade. Ainda nesse contexto, traremos a visão de Eliane Brum (2008), acerca do envelhecimento em sua reportagem *A casa dos velhos*, do livro *O Olho da rua*. Neste percurso, também será utilizado o trabalho de Ediane Z Sehn e Janete Carrér (2014), que abarca os processos patogênicos e sociais do envelhecimento, sendo citadas na oficina feita com o grupo de Terceira Idade UNATI, que aponta as consequências da solidão para o idoso. Além desses autores, ainda será parte deste trabalho a abordagem de Araújo et al. (2012), sobre as redes formal e informal de apoio ao idoso e a importância que possuem na vida social destas pessoas.

Na continuação da pesquisa teremos espaço para o tema abandono e os direitos constitucionais dos idosos. Será dado destaque para os motivos que levam os familiares ou o estado a abandonar seus idosos, deixando-os em abrigos ou casas asilares, seja por ineficiência nos cuidados ou por pura omissão destes. Para levantar esta questão serão utilizados os estudos das autoras Adriane Medianeira Toaldo e Hilza Reis Machado (2012). Para, além disso, é preciso mostrar que, muitas vezes, não se pode garantir que a família prestará um cuidado humanizado aos seus idosos, sendo assim, será constituído um diálogo com a pesquisa de Célia Pereira Caldas (2003), que irá aprofundar essa questão.

Luiz Gilmar Delecode (2002) voltará a ser citado ao tratarmos dos direitos constitucionais dos idosos e a importância de leis que assegurem benefícios para essa população.

No segundo capítulo serão tratadas as representações do idoso em produções audiovisuais. Para isso, iremos trabalhar com os estudos de autores como Iara Oliveira Gomes e Teresa Kazuko Teruya (2011), bem como os trabalhos de Mônica Joesting Siedler (2013), que trás em seus estudos a discussões a respeito das representações da velhice nos filmes, e a influência da cultura na produção cinematográfica.

Seguindo neste caminho, iremos adentrar alguns dos elementos essenciais ligados aos conceitos de memória e história e a valorização e apropriação dos mesmos para a construção narrativa deste trabalho. Para isso trabalhamos com os estudos de Pierre Nora acerca das diferenças entre história e memória, e como o documentário se constrói em cima deste arquivo da memória e a constituição de um “lugar de memória”. Usaremos também as reflexões de Tomaim (2016) para nos ajudar a correlacionar o instrumento filme e a memória, a partir de seu trabalho, *“O documentário como “mídia de memória”: afeto, símbolo e trauma como estabilizadores da recordação”*.

No tópico seguinte será abordada a construção do documentário em desenvolvimento, apontando suas principais características conceituais, narrativas e estéticas, bem como informações preliminares das principais fontes e locais de filmagem. Em seguida será dado destaque ao dispositivo elaborado para a constituição do roteiro, bem como da estrutura de produção. Em paralelo ao trabalho de realização também será desenvolvido um tipo de diário de campo, proporcionando ao leitor o acompanhamento de cada uma das etapas desta produção audiovisual. Este espaço será local para ser refletido o próprio processo construtor. Junto dos personagens do filme, pretende-se construir um espaço de possibilidades que busquem visibilidade e consciência em relação aos problemas denunciados.

1. DO ENVELHECIMENTO AO ABANDONO

1.1. O panorama da velhice

Luiz Gilmar Delecrode (2002) declara que, “ao envelhecer, o mundo encolhe, e os próprios homens ficam mirrados. Apesar das doenças que lhes provocam, a falta de atividade, os impede de conseguir o que é necessário à sua subsistência.” (2002, p.15) Essa afirmação talvez possua em certa medida, alguma verdade, já que sua pesquisa está voltada para o idoso Asilado. Segundo ele o envelhecimento traz consigo limitações, que impedem atividades que possibilitem o idoso viver adequadamente, garantindo o que lhe for necessário para seu próprio sustento.

O autor opta por usar em seu trabalho o termo *velho*, todas as vezes que menciona o idoso, o que, segundo ele, se justifica pela forma como a sociedade enxerga aquele idoso.

Coincidentemente, Eliane Brum (2008), expõe uma realidade comum, de medo no processo de envelhecimento, para muitos desses idosos. Ela declara que,

Se o mundo é perigoso para todos, para os velhos torna-se campo minado. Cada buraco na calçada pode ser fatal. cada degrau a mais, a promoção da bengala para a cadeira de rodas. Os pés cansados não são mais capazes de alcançar o ônibus onde o motorista bufa de impaciência “com esses velhos que não pagam e ainda atrasam a gente”. As pernas não obedecem ao comando da adrenalina diante das crianças que os tornaram alvo preferencial dos assaltos no confronto entre dois vencidos, a infância abandonada e a velhice desvalida. É assim que vão sendo expulsos. (BRUM, 2008, p.93)

Conforme apurado em sua reportagem “*A casa de velhos*”, Brum afirma que os idosos são temerosos não pela morte, mas pela queda. Já, Ediane Sehn e Janete Carrér (2014, p.15) destacam o envelhecimento como um processo natural que caracteriza uma etapa da vida do homem. Para elas, o mesmo processo se dá por meio de mudanças físicas, psicológicas e sociais que acontecem de forma individual em pessoas com idade elevada.

Atualmente, existem diversas pesquisas que apontam para o envelhecimento da população mundial. Segundo dados de projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) de 2012, uma em cada nove pessoas no mundo tem 60 anos de idade ou mais, e a estimativa é de que haja um crescimento para um em cada cinco no ano de 2050. No Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostrou que a população idosa brasileira no ano de 2015, correspondia

a 14,3% da sua população total, ou seja, um montante de 29.458.000 idosos. Sendo que para o estado de Minas Gerais, a porcentagem foi de 15,1% do total da população mineira, totalizando 3.151.370 idosos.

Já a quantidade de idosos que viviam em Instituições de Longa Permanência para Idosos-ILPIs (os antigos asilos), é apontada por uma pesquisa feita pelo Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Os resultados foram obtidos através de censo realizado com essas ILPIs identificadas no Brasil no período de 2007 a 2009. Os dados apresentados em números exatos mostram que naquele período, existiam 83.870 idosos vivendo em Instituições em todo o Brasil. Só no Estado de Minas Gerais estes idosos somavam 16.833 pessoas vivendo nas ILPIs.

Hoje, no Brasil vivemos momentos em que envelhecer traz diversas incertezas, pois, conforme cita SALLES (2007, p. 39 apud SEHN e CARRÉRA, 2014, p. 15), “nos países desenvolvidos, a transição demográfica ocorreu gradualmente ao longo de um maior período de tempo, conseqüentemente, a um maior desenvolvimento socioeconômico e cultural.” O que não é visto em nosso país, diante das diversas reformas que acontecem nos campos da saúde, cultura e educação. Além disso, passamos, atualmente, por um momento delicado de reformas no campo previdenciário e trabalhista, que impactam diretamente na vida dessa população, que tende ao envelhecimento. Em um contexto como esse, o apoio da família, o convívio social e um ambiente capaz de sanar as dificuldades do envelhecimento, são fundamentais.

Independente da classe social que ocupa, o indivíduo sente o impacto da chegada da velhice, pois esta preocupa, traz limitação da saúde, ausência de trabalho, desprestígio social, solidão e preconceito. Diante dessa realidade, o aparato da família é importante, uma vez que esta pode auxiliar a tomar decisões no que se refere às necessidades físicas, psíquicas e sociais de seus velhos. Porém, há uma série de fatores que interferem na permanência destes juntos aos seus. (ALMEIDA, 2005, p. 12)

Luiz Gilmar Delecrode declara que, “o medo de envelhecer e de perder forças, beleza, vitalidade, dentes, memória, prestígio e poder compara a velhice a um triste outono. Pois a umidade ainda não chegou e o calor já se foi ou perdeu sua energia. Todos querem uma vida longa, mas ninguém quer envelhecer.” (2002, p.11) Este pensamento está relacionado a um processo de negação da velhice, que está presente em boa parte da nossa sociedade.

Delecrode traz para sua discussão uma questão acerca dos medos que muitos idosos possuem. Segundo ele, o que apavora o idoso não é o cabelo branco, pele enrugada, ou

impotência sexual. Para ele, o que de fato causa medo a todos é a idéia de perder. “E afinal de contas ninguém quer perder”. O autor afirma que a velhice ainda é vista com desprezo e que o envelhecimento apavora e acaba sendo comparado à imagem da derrota, onde os derrotados são abandonados. Ainda que, essa seja uma visão pessimista sobre a velhice, idosos em geral, sobretudo aqueles que vivem em instituições asilares estão sujeitos ao abandono e ao desprezo por parte da sociedade e até mesmo do próprio Estado.

Deixados em Instituição de Longa Permanência para Idosos, às ILPIs (antigos asilos), os idosos têm ali um novo local para envelhecer. Porém, muitas vezes, os idosos recebem este destino a partir do desejo de outras pessoas. É o que declara Eliane Brum (2008):

Foram deixados ali porque outros decidiram que o tempo deles acabou. Lançados numa casa que não é a sua, entre móveis estranhos, faces que não reconhecem, lembranças que não se encaixam. Reduzidos a contar uma história que ninguém quer ouvir porque já passou. (BRUM, 2008, p.86)

Por conta de seu contexto histórico, os antigos asilos foram remodelados passando a se chamar Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), sendo previsto para este novo modelo, um local para o idoso envelhecer com dignidade. Na concepção de Eliane Brum (2008) essa remodelação deve ser vista com um mínimo de desconfiança: “a palavra asilo tornou-se cruel demais para um tempo que oculta sua brutalidade com palavras. Inventaram a expressão “casa de repouso” para abrigar velhos supostamente cansados da vida quando é o mundo que se cansou deles.” (BRUM, 2008, p.97-98).

1.2. A solidão do idoso

O indivíduo quando retirado do meio social, colocado longe do convívio com a família, e vivendo no isolamento pode ser comprometido pela solidão. Provocando sentimentos como o vazio, que, durante a velhice, é bem mais frequente. Podemos dizer que esse pensamento sobre uma possível exclusão social, se assemelha ao que traz Eliane Brum (2008), no trecho da reportagem a Casa dos velhos

Os velhos perderam afeto, amizade e calor, ganharam anos. Vivem mais que seus pais e avós. Mas vivem mais sós. A morte social chega antes da derradeira batida do coração. Os passos lentos demais para a velocidade de um mundo que não perdoa quedas. Tornaram-se provas inoportunas de que a sociedade que os deixou no portão pisa em terreno pantanoso, de que nem à custa do melhor cirurgião plástico se pode espichar a juventude para

sempre. Encarquilhados, vacilantes, são a lembrança incômoda não do passado, mas do futuro de todos. (BRUM, 2008, p.87-88)

Tal semelhança está relacionada ao abandono social dos idosos que vivem em asilos, longe da família, dos velhos amigos, da casa que antes carregava o cheiro e as marcas de seu antigo dono. Assim, vivem mais sós do que seus pais que, em outra época, até longa idade e na companhia de seus filhos que, hoje, não estão acompanhados de nenhum familiar como eles fizeram um dia com os seus.

Gonçalves (2010), afirma que o envelhecimento atinge não somente o corpo, como também aspectos psicológicos, “proporcionando perdas na tomada de decisões, lentidão na capacidade de analisar e sintetizar informações, insegurança, dependência e confusões mentais”. (2010, p. 23 apud SEHN e CARRÉRA, 2014, p. 16). Segundo as pesquisadoras Ediane Sehn e Janete Carrér, o processo de envelhecimento é acompanhado de associações com sentimentos devastadores “de inutilidade e perda,” e estes sentimentos agravam ainda mais a condição existencial do idoso, acirrando conflitos internos. Acredita-se que doenças psicológicas também podem estar diretamente relacionadas com estes sentimentos.

Ediane Sehn e Janete Carrér desenvolveram um estudo realizado através da oficina feita com o grupo de Terceira Idade UNATI. No desenvolvimento da atividade foi possível observar nas idosas,

durante todos os encontros, uma intensa necessidade em compartilhar seus anseios, medos e frustrações, muitas queixas de sintomas físicos, tais como dores generalizadas, tontura, indisposição, dificuldade de realizar as atividades com precisão e ausência de produção escrita. (SEHN E CARRÉR 2014, p.22-23)

As autoras relatam que tais sintomas poderiam estar relacionados com a falta de atenção e afeto, pois, na medida em que os encontros aconteciam, estes sintomas foram diminuindo e, em alguns casos, até desapareceram. Elas dizem ainda, que reclamações por parte de muitas idosas eram pela falta de reconhecimento de sua experiência e do seu conhecimento. Elas não se sentiam produtivas e sim criticadas pela família e por seu grupo social.

Ediane Sehn e Janete Carrér afirmam que para o idoso ter como conservar “o equilíbrio emocional e um estilo de vida realista e otimista é imprescindível que vivencie em seu grupo social e familiar a valorização do seu potencial e das experiências pessoais e profissionais, e se sinta respeitado.” (SEHN E CARRÉR, 2014, p.22)

Compreendemos que é um ponto chave e que possui grande importância, a valorização e atenção para os idosos, neste sentido uma valorização às suas experiências, histórias de vida e memória. Tendo isso em vista, problematizamos a questão fundamental da família, sendo ela a primeira rede de apoio ao idoso.

Os vínculos familiares são fundamentais, pois, com a chegada da velhice, as relações pessoais e sociais passam a ser importantíssimas, sendo uma fonte de alimentação, regulação e organização. Araújo et al, (2012), trás a classificação do convívio familiar como uma rede informal de apoio ao idoso e coloca que são, duas formas de oferecer aos idosos apoio social.

A rede de apoio social formal consiste em hospitais, ambulatórios médicos entre outras áreas da saúde, casas geriátricas, casa de repouso, asilos, centros-dia, além dos profissionais da área da saúde. As redes de apoio informal são representadas pelos familiares, amigos e vizinhos que oferecem apoio em diferentes âmbitos da vida do idoso. A família é a primeira rede de apoio para o idoso, onde este encontra a assistência necessária para suas dificuldades e necessidades (ARAÚJO et al, 2012, p.98).

Os autores afirmam que o convívio familiar é um elemento fundamental para o bem estar dos idosos, pois, encontram nesse ambiente apoio e intimidade para as diferentes situações, e são essas relações que asseguram um espaço de pertencimento com os familiares. O indivíduo necessita de algum apoio a qualquer momento da vida, e encontrará na família e na comunidade, que são os locais naturais de proteção e inserção social, dentro das redes informais.

1.3. Percepção sobre o abandono e os direitos constitucionais do idoso

O abandono é uma linha tênue no assunto terceira idade e está ligada ao sentimento de vazio criado com a solidão. Ninguém quer ficar só, e o idoso que após ter passado uma vida dedicada ao trabalho ou aos filhos, agora não anseia por isso. Contudo, muitas pessoas ainda não se deram conta de que este abandono existe. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (1996), “abandonar” significa: “deixar, desamparar, desprezar, renunciar”.

Para Adriane Medianeira Toaldo e Hilza Reis Machado, “o envelhecimento deveria ser visto como uma etapa natural da vida, mas não é o que acontece, visto ser o idoso rejeitado pela própria família, por tornar-se dependente e menos saudável, representando um peso para a família e o Estado.” (2012, p.3)

As autoras ainda chamam a atenção para o abandono e maus tratos que os idosos sofrem no Brasil, onde tal prática acontece por diversos meios, cometidos muitas vezes, pelos próprios parentes. Segundo elas, o tipo de abandono mais comum é aquele no qual o idoso é deixado em casas de saúde ou em asilos. Para as autoras, os parentes se esquecem de visitar seu idoso, deixando-o totalmente desamparado.

Toaldo e Machado (2012), explicam que, com o aumento da expectativa de vida para os idosos, a sociedade que não estaria preparada para acolhê-los, fez destes idosos “um problema”. Em alguns casos seriam considerados também um problema para suas famílias, uma vez que membros do grupo familiar daquele idoso se dirigem ao mercado de trabalho tendo como foco a sua sobrevivência, não conseguindo (ou querendo) destinar tempo e recursos para amparar aquele idoso.

Em conformidade com os pensamentos expressados por Toaldo e Machado (2012), Célia Pereira Caldas (2002) destaca que um cuidado inadequado, ineficiente ou inexistente, é visto em circunstâncias onde os grupos familiares não estão aptos, disponíveis ou ainda sobrecarregados por essa responsabilidade. Ela declara que:

Em tal contexto, existe a possibilidade concreta de serem perpetrados abusos e maus-tratos. Portanto, é necessário lembrar que, embora a legislação e as políticas públicas afirmem e a própria sociedade considere que os idosos devem ser assistidos pela família (por razões morais, econômicas ou éticas), não se pode ter como garantido que a família prestará um cuidado humanizado. (CALDAS, 2002, p. 55).

Contudo, observa-se que o abandono nem sempre é de responsabilidade apenas do familiar, ou que estes o tenham feito de má fé, é preciso considerar que, em muitos casos, o abandono acontece, por conta da incapacidade financeira ou de recursos da família, que possam oferecer conforto e saúde ao seu idoso.

Observamos que são várias as maneiras de apresentação do abandono. Podendo acontecer de forma física, psicológica, financeira, por ação, omissão, ou por absoluta impossibilidade das pessoas que deveriam cuidar daquele idoso. Este dever é direta ou indiretamente atribuído ao grupo familiar, assim como também ao Estado, que vive omissa a essa responsabilidade. Um exemplo dessa situação pode ser visto através dos poucos programas sociais desenvolvidos para o bem estar do idoso, assim como são feitos cortes na saúde, e a possibilidade de sucateamento de projetos como o Programa Saúde da Família (PSF). Luiz Gilmar Delecrode (2002) vê o abandono moral no qual são deixados muitos os

idosos como um ato monstruoso. Ele afirma que essa realidade é tão freqüente que nós já nos acostumamos com ela e não ficamos mais chocados com isso.

De acordo com a Constituição Federal todos possuem direitos e deveres, assim como a população idosa. Conforme Delecrode declara, “Todas as gerações têm igual direito à vida, ao trabalho e ao bem estar, e os velhos, da mesma forma que os jovens.” (DELECRODE, 2002, p.13)

Luiz Gilmar Delecrode (2002) declara que um movimento a favor da velhice seria uma grande batalha ligada à própria civilização. Segundo o autor, o idoso possui seis necessidades básicas fundamentais, sendo elas, renda financeira, moradia adequada, saúde, ocupação, companhia e afeição. O autor, afirma que as reivindicações por parte das pessoas que envelhecem hoje, é um direito, ainda novo e não reconhecido pelas leis no Brasil. Isso em 2002, já que em 2003 é deliberado o Estatuto do Idoso, que vem a ser uma lei destinada a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Instituído em 1º de outubro de 2003, o Estatuto do Idoso, criado a partir da lei federal Nº. 10741, visa estabelecer direitos fundamentais e específicos aos idosos, garantindo o respeito à sua potencialidade e integridade física, mental, moral, intelectual, espiritual e social, bem como prevê punições às ações de violência, preconceito, discriminação e opressão. Logo nos artigos segundo e terceiro do estatuto, fica claro que o idoso deve ter atenção direta e cuidado da sociedade em geral.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (Estatuto do Idoso Brasil, 2003, p.50)

O estatuto segue informando, a respeito dos demais direitos dos idosos, quanto ao atendimento preferencial, ao privilégio dos recursos públicos, bem como do convívio na sociedade. Como discutido acima, o dever de cuidado do idoso não cabe somente ao grupo familiar, como também é de responsabilidade do poder público. Nos casos em que os familiares não possuem condições financeiras para garantir o sustento do seu familiar idoso,

caberá ao Poder Público esse provimento conforme trás o Art. 14 deste Estatuto.

Assim como é garantido ao idoso o direito à alimentação, também deverá ser assegurada a atenção integral à sua saúde, previsto pelo Art. 15. Isso acontecerá por intermédio do Sistema Único de Saúde (SUS), que deverá garantir ao idoso “o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde”. Além disso, está inclusa no documento a atenção especial para doenças às quais os idosos tenham mais propensão.

Conforme podemos observar no Estatuto é previsto direitos fundamentais para o idoso, tais como o direito à vida, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à alimentação, à saúde à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer, além de profissionalização e trabalho. Assim como o direito à aposentadoria, previsto no Capítulo VII, diretamente relacionado ao direito à Previdência Social, nos Art. 29, 30, 31 e 32 deste estatuto.

O Estatuto prevê também, direitos relacionados às medidas de proteção e política de atendimento ao idoso, que prevê no artigo Art. 47, inciso IV, o direito “a serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência”. É garantido também ao idoso, acesso à justiça, bem como o direito à defesa dos crimes praticados contra idosos, amparado pelo Art. 98: “Abandonar o idoso em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas, quando obrigado por lei ou mandado”. O descumprimento deste artigo prevê pena de detenção de seis meses a três anos e multa.

Fica a aparente questão, sobre o papel de importância que o idoso deveria ocupar em nossa sociedade, por conta de sua experiência, como também por sua contribuição no decorrer de sua vida para todo um grupo social. Porém, mesmo sendo ele detentor de tantos direitos constitucionais, muitas vezes os mesmos lhe são negligenciados.

2. IDOSO E O AUDIOVISUAL

2.1. Em cena a representação da velhice

A representação do idoso em papéis nas telenovelas ou narrativas fílmicas, quase sempre projeta imagens negativas sobre a velhice. Tendo o envelhecimento como algo pesaroso e quase sempre presumindo a dependência. Contudo conforme coloca Iara Oliveira Gomes e Teresa Kazuko Teruya (2011), “A desconstrução das narrativas que não são transparentes nem imparciais possibilita ao idoso entender que existem diferentes possibilidades de ser idoso.” (GOMES; TERUYA, 2011, p.297)

Em seu trabalho a respeito do uso do cinema na educação de idosos, as autoras falam sobre o exercício subjetivo, e que ele é outro elemento que pode ser trabalhado na sala de aula ao utilizar o filme como ferramenta pedagógica, e justifica que “a narrativa fílmica oferece subsídios para pensar as diferentes maneiras de ser idoso”. Para as autoras, a representação do idoso no filme, consegue revelar características diferentes, ou mesmo costumes desconhecidos e até agir de forma desagradável ao olhar absorto daquele público, ainda que este retrate uma mesma época vivida pelos espectadores idosos.

São diversas as formas como são construídas as representações sociais da velhice. A mídia retrata o envelhecimento e a longevidade, de forma que quem assista fique informado sobre essa fase da vida. Na sociedade contemporânea a mídia possui papel fundamental na vida das pessoas, tendo a comunicação como ferramenta para legitimar comportamentos, discursos e ações. Em função do contexto social e dos processos sociais que a envolve, esta representação tende a se modificar com o tempo.

Para Mônica Joesting Siedler (2013), a presença dos idosos nos filmes ajuda a refletir sobre atitudes, valores e práticas sociais representadas. A autora traz a discussão a respeito das representações da velhice nos filmes, e a influência da cultura na produção cinematográfica, que acabam por determinar a representação da imagem do personagem idoso. Segundo ela, os filmes norte-americanos costumam ser “moralistas e antieróticos”, focando mais no valor da pessoa no intuito de ‘fazer chorar’. Já nos filmes europeus os idosos são apresentados como solitários, sempre vivendo sós, como cita o exemplo do filme *Chá com Mussolini*, de Franco Zeffirelli (Inglaterra e Itália, 1999). No cinema Brasileiro, segundo cita a autora, o filme, *Menino maluquinho*, de Helvécio Ratton (Brasil, 1995), conta a relação de um menino com os avós e a morte do avô materno como um processo natural. (SIEDLER,

2013, p.106)

Através de suas representações do ser idoso, é possível observar que o cinema busca sempre maneiras diferentes para representar o idoso. Contudo ainda foge ao real, como afirma Paulo Menezes (2004):

filmar o ‘verdadeiro’ não parece ser o melhor caminho para se atingir o verossímil, o que pode parecer para alguns uma contradição nos próprios termos, mas pelo contrário, um aperfeiçoamento do engano, do enganar, por meio de artifícios que parecem ser, pois o que não é surge aos olhos do espectador como se fosse verdadeiro. (apud SIEDLER, 2013, p.106)

Mônica Joesting Siedler (2013) coloca a imagem como um instrumento relevante que tem a capacidade de mostrar e entender várias questões que direcionam a visão do envelhecimento, que, segundo ela, pode ser estereotipada. A autora afirma que a, “percepção de um envelhecimento saudável passa necessariamente por reflexões de questões essenciais de conduta humana que ocorrem no processo da vida e que é socioculturalmente transmitido de várias formas nas esferas pessoal, familiar e comunitária.” (SIEDLER, 2013, p.107)

2.2. O documentário e seus conceitos construtores

A proposta do documentário *Tracejos do Tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria* surgiu através de percepções sobre o envelhecimento na cidade de Mariana, na tentativa de identificar histórias e relatos de idosos que vivem sozinhos, abandonados em casas de amparo ou instituições asilares e representar tais memórias através do trabalho audiovisual.

O filme documentário proposto aqui tem como objetivo dar voz para um grupo de personagens que vivem em asilos, longe do convívio social que, em muitos casos, foram abandonados por seus familiares e amigos de outros tempos. Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2011) afirmam que este pode ser um dos papéis fundamentais exercidos pelo documentário.

Dar voz a esse “outro” desconhecido torna-se questão importante para os cineastas, e a entrevista – possibilitada pelo advento das técnicas de gravação de som direto – torna-se um procedimento privilegiado. A “voz do povo” faz-se, portanto presente, mas ela não é ainda o elemento central,

sendo mobilizada, sobretudo na obtenção de informações que apóiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada. (LINS; MESQUITA, 2011, p.21)

O filme proposto irá mostrar a história de pessoas que pertencem à cidade de Mariana, que trabalharam por anos nesse lugar, que possuem ligação com a região e que trazem em sua memória, histórias vivenciadas aqui ou lugares por onde passaram, sendo este um fator importantíssimo para o filme, pois, conforme afirma Eduardo Coutinho (2007), “A história e a memória ganham uma outra substância quando se parte de uma geografia específica; irrompem ligadas à terra, às pessoas, a suas falas, aos encontros, misturadas ao cotidiano.” (COUTINHO, 2007, p.67)

O documentário é um conceito bastante complexo, sendo um gênero de difícil definição, destacando-se por ser aberto e ambíguo. Bill Nichols (2005), no entanto, traz a seguinte definição para o termo, que nos ajuda a entender melhor a questão:

Não é uma definição completa em si, que possa ser abarcada por um enunciado [...] A definição de documentário é sempre relativa ou comparativa. Assim como amor adquire significado em comparação com indiferença ou ódio, e cultura adquire significado quando contrastada com barbárie ou caos, o documentário define-se pelo contraste com o filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda. (Nichols, 2005, p.47)

Nichols (2005), ainda afirma que, “Se o documentário fosse uma reprodução da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou a cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo que vivemos.” (2005, p. 47).

Podemos definir o documentário como um filme que conduz o espectador através de fatos sobre determinadas pessoas, lugares e acontecimentos. É o registro de todos estes fatos através do uso de imagens e sons, que poderemos criar este filme. Acreditamos nesta proposta em construção, a partir de sua significativa importância para a mobilização e conscientização de todos agentes da comunidade na qual pertencem nossas personagens.

O papel do documentário vai além de ser apenas um filme para exibição. Ele tem o dever de ser desafiador, criar um laço com o espectador, fazendo-o pensar sobre determinado assunto ou perspectiva, fazê-lo querer saber mais. Conforme coloca a autora Sheila Curran Bernard (2008), “um bom documentário confunde nossas expectativas, impele fronteiras para mais além e nos leva a mundos – tanto mundos literais como os das idéias – que até então não imaginávamos.” (BERNARD, 2008, p.4). Ao falar sobre a subjetividade do documentário a

autora afirma que este tipo de produto exerce influência, ou tem ação sobre nós, pois o poder dele provém da representação de fatos e não da ficção.

Este trabalho é construído em cima da proposta de vivenciar a experiência dos idosos que vivem nos asilos e, conforme afirma Bernard (2008), “o melhor meio de garantir a narrativa visual é envolver o cinegrafista, e não simplesmente usá-lo como profissional que faz as tomadas.” (BERNARD, 2008, p.183)

Conforme é exposto pela autora, estar próximo do personagem, entender e vivenciar sua história, é importante para que assim o cinegrafista/documentarista seja capaz de enquadrar com beleza as imagens mais importantes, mais significativas ou mais representativas e não apenas belas imagens.

Outro ponto importante é a tomada de decisão sobre os personagens que irão compor a narrativa. Sheila Curran Bernard (2008) acredita que,

Decisões sobre quem será filmado, como será escolhido e o que dele se espera em contribuição para a narrativa são importantes. Mesmo as pessoas que aparecem em arquivo, em tomada de arquivo ou por meio da leitura de suas cartas, diários e outros artefatos do passado, são importantes para o elenco da história como um todo. (BERNARD, 2008, p.131)

Os personagens de uma história são fundamentais para a construção da narrativa e, no documentário *Tracejos do Tempo: As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, estes personagens ocupam espaços insubstituíveis, e que obrigam o realizador buscar delicadeza e tato ao tocar suas histórias. Durante o processo de criação, as filmagens representam atividade fundamental, e mesclando os papéis de diretor, cinegrafista e pesquisador/roteirista deste filme, pretendo ir a campo bem direcionado sobre a proposta narrativa e qual será a abordagem, no intuito de aumentar as chances de constituir uma produção de qualidade e de alto impacto, conforme é observado por Sheila Curran Bernard (2008). Em seus estudos sobre documentário ela defende a importância de se ter a história em mente quando filmar e afirma que, “nessa medida, é melhor que você seja capaz de reconhecer os momentos que, muito possivelmente, você não poderia ter antecipado de antemão – e tirar vantagem deles.” (BERNARD, 2008, p.183)

Adentrar essas histórias e saber o que filmar ou como filmar não representam as únicas ações importantes. É preciso ter em mente também a edição. Conforme coloca a autora, “É importante que a filmagem seja feita de um modo que torne a edição possível. É preciso que haja cobertura suficiente para lhe dar opções e para que a cena funcione.”

(BERNARD, 2008, p.185)

Para tanto é preciso que seja filmado tudo quanto possível. É imprescindível estar seguro sobre possuir informações visuais suficientes para construção da narrativa. O material deve ser preciso, deve informar e precisa ser capaz de estabelecer tempo, lugar e pessoas, buscando imagens que possam lhe fazer cortar informações verbais. Bernard chama a atenção para estar atento aos detalhes que irão contribuir para essa narrativa visual, eliminando informações textuais:

Atente nos detalhes narrativos que revelam personagens: pode ser um cigarro esquecido enquanto queima ou a pilha de garrafas de licor no lixo reciclável. Busque tomadas que mostrem como as pessoas se comportam umas em relação às outras e com que habilidade manuseiam suas ferramentas de trabalho. (BERNARD, 2008, p.186)

A autora afirma também que a escolha do que filmar e de como filmar envolve mais do que simplesmente documentar um acontecimento. Haveria nestas ações a constituição de um meio que pode contribuir para a história. Assim, ela defende que é preciso estar preparado para, quando adentrar no espaço de filmagem, no mundo no qual vivem os personagens, captar a maior quantidade de detalhes possíveis, para que seja construído um material de qualidade, que retrate da forma mais fiel essas histórias. Este é o objetivo primordial e ambicioso deste trabalho. Buscamos também impactar nosso público que, em alguma medida, será formado por pessoas que têm algum familiar internado em casa de amparo, seja por impossibilidade de cuidar de seu idoso ou por omissão de cuidados, sendo aquele ator social colocado no abrigo pela ação do próprio Estado.

Nesta pesquisa, utilizamos os termos personagem ou ator social para identificar todos aqueles que tiveram papel fundamental na construção do diálogo com este pesquisador e com a própria construção narrativa. A terminologia *ator social* é adotada por Nicholls (1993). Assim, nosso grupo de atores sociais será composto pelos idosos que participaram diretamente com depoimentos/entrevistas, ou aqueles que participam indiretamente, através da presença nas filmagens no espaço utilizado como locação ou espaço construtor. Conforme afirma João Nunes da Silva e Anderson de Souza Alves (2011), “o ator social é assim chamado principalmente pelo fato de fazer parte de uma história com a qual, de alguma maneira, tem relação direta com a realidade. Isto é, com os acontecimentos do seu contexto social e histórico.” (SILVA; ALVES, 2011, p. 8)

2.3. A memória como instrumento de diálogo na construção do documentário

Entender na constituição ou construção de um filme documentário a valorização da memória é reconhecer também o afeto, os símbolos e os traumas. É compreender a utilização da memória como recurso de construção da narrativa. Neste filme documentário a proposta parte das histórias, as quais serão entendidas como memória, dos atores sociais que se dispuseram a construir conosco esta obra.

Para Pierre Nora, (1993), memória e história são diferentes, não atuando como sinônimos uma da outra. A memória diz respeito à vida, pertencendo à constituição identitária de grupos ou indivíduos, sujeita às transformações, ao diálogo entre lembrança e esquecimento. A história é reconstrução, é representação do passado. “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.” (NORA, 1993, p.9). Cássio dos Santos Tomaim (2016, p.98), afirma que, “diante de um mundo desencantado, novos rituais, novas sacralizações, por mais que passageiras, ganharam um lugar, um “lugar de memória”.

Nora (1993) adverte que “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...]” (NORA,1993, p.13). A memória passa a ser reprodução, é construção técnica de algo que é íntimo e individual. É a representação daquilo que foi e que já passou, e que agora é revivida, recontada. A memória íntima passa agora ao coletivo, sendo recontada através do tempo.

Tomaim (2016), afirma que o documentário possui uma vocação na qual a memória deve ser problematizada. Ele completa dizendo que,

Quando o documentarista se interessa pelo passado, por um tema histórico, não lhe resta muito mais do que vestígios e testemunhas, o que faz deste tipo de cinema uma atividade “artesanal da memória” vocacionada a preservar/armazenar uma memória experiencial do vivido. (TOMAIM, 2016, p.99)

O autor afirma também que, com o crescimento da mídiatização e a mudança do tempo que passa a ser acelerado, fomos condenados aos “lugares de memória” e que, conseqüentemente, esse processo determinou uma ruptura com o passado, com a experiência. Tomaim, afirma que a realização de um documentário em um ato do presente - marcado por uma “vontade de memória” - também se cristaliza como um “lugar de memória”. Tudo isso através de aspectos materiais, simbólicos e funcionais que o caracteriza. Ele confirma essa

afirmação dizendo que, “antes que os rastros sejam apagados, que as lembranças sejam esquecidas, o documentário revela-se como refúgio de uma memória viva, como um lugar de exercitar a rememoração enquanto um ato encarregado de ressignificar o mundo em sua dimensão temporal.” (TOMAIM, 2016, p.99)

Trazemos à luz do debate o questionamento de Marc Ferro (2010) sobre uma visão fílmica da história. Segundo ele, o “problema se encontra em se perguntar se o cinema e a televisão modificam, ou não, nossa visão da história, entendendo-se que o objeto da história não é apenas o conhecimento dos fenômenos passados, mas igualmente a análise dos elos que unem o passado ao presente, a busca de continuidades, de rupturas.” (FERRO, 2010, p.181)

Para tentarmos entender essa visão sobre o passado e a reconstrução no filme documentário, buscamos enfatizar o que diz Tomaim:

as possibilidades abertas pelas narrações de teor testemunhal no documentário fizeram do documentarista um “catador de lixo” que encontra no afeto, no símbolo e no trauma os estabilizadores das recordações que eles manuseiam em seus filmes. Mais do que uma ameaça ao passado recordado, o “documentário de memória” constitui-se como um lugar afetivo da memória, de uma experiência perdida (ou negada). (TOMAIM, 2016, p.100)

Nesse sentido, conforme coloca Ana Cristina Figueiredo de Frias (2010, p.155) ao citar Lowenthal, diz que “o passado nos cerca, nos preenche, as ações dos homens conservam resquícios de tempos pretéritos, vivemos entre as relíquias de épocas anteriores e a tradição é algo que está impregnado nas células do nosso corpo”. Ela completa afirmando que,

O autor nos mostra que dedicamos uma boa parte do tempo presente para entrar em contato com algum momento passado. Dessa forma, compreendemos o valor e o sentido da memória na vida de cada indivíduo e de uma sociedade. As lembranças também podem sustentar nosso sentido de identidade, são recordações compartilhadas e continuamente complementadas pelas experiências de outros indivíduos na coletividade. (FRIAS, 2010, p.155)

Este argumento diz respeito à intimidade e a individualidade de cada pessoa, onde a memória ocupa lugar de valor para estes indivíduos na sociedade. E é nesta perspectiva que ancoramos a construção deste filme.

Segundo Tomaim (2016) o documentário enquanto técnica ou arte está longe de “preservar aquelas imagens provenientes da memória involuntária, as lembranças que “rasgam” o tempo presente, aquelas que são fontes da experiência autêntica da qual o homem

moderno abdicou-se.” Porém, ela afirma que, como ferramenta para conservar, preservar ou armazenar, “o documentário (ou o cinema em si) aparece como prolongamento das potencialidades inauguradas pela fotografia como dispositivo a serviço de uma memória voluntária.” (TOMAIM, 2016, p.101-102)

Ele explica que o filme conserva o acontecimento em imagens visuais e sonoras, ou explicando de outra forma, “armazena as recordações daqueles sujeitos que são convidados ou interpelados a rememorar”.

Por mais sofrimento que possa uma recordação provocar, o documentário é exemplo de como a arte, diante de uma vocação política para a memória, assume para si uma dimensão ética do presente; em que o exercício de rememorar para uma câmera reveste-se de um sentido de resistência que carrega em si o potencial da experiência, da crítica e da revelação. (TOMAIM, 2016, p.102)

O autor justifica seu argumento trazendo ao debate a afirmação de Rochlitz Rainer que diz: “trata-se de salvar uma imagem do passado que espera legitimamente ser libertada porque tem uma dívida para com ela” (ROCHLITZ, 2003, p.339).

Outro ponto levantado por Tomaim (2016), se apropriando de Nichols (2005), é o de pensar este “documentário de memória” como “armazém da história”. Para ele,

não se trata apenas de considerar o seu aspecto material, o suporte (seja ele a película do filme ou o digital das novas mídias), mas principalmente os seus aspectos simbólicos e funcionais que estão relacionados ao ato de rememorar. A produção de um “documentário de memória” exige muita pesquisa, pois o documentarista e sua equipe mergulham nos arquivos em busca de documentos, de imagens indiciais, reúnem registros testemunhais, elementos que agrupados em uma determinada ordem compõem a “voz do documentário” (NICHOLS, 2005 apud TOMAIM, 2016, p.103).

Na opinião de Tomaim, o filme sempre tem algo a dizer sobre o passado ao qual se propôs representar, assim como é produto do tempo presente. O autor acredita que este “armazenar” não deve ser entendido no sentido literal, no qual seria de dar “suporte à matéria da memória, fixar a memória”. Esta memória, por sua vez já se encontra em constante transformação através do processo de rememoração ou recordação. Assim, “o armazém” seria uma metáfora, que engloba todo “documentário de memória” construído por e a partir de uma “intencionalidade histórica”. (2016, p.103)

Paul Ricoeur (2010), citado por Tomaim (2016, p.103), afirma que, “a finalidade primeira da história é a dívida que temos para com os mortos, tanto que são os

acontecimentos passados que revestem a “intencionalidade histórica” de um tom realista.” Tomaim, afirma que o “documentário de memória”, ao reivindicar para si uma “referência por vestígios ao real passado”, assimila-se à narrativa histórica, é “quase história”.

Dentro do pensamento de Paul Ricoeur, citado por Tomaim, o documentarista reuni, coleta estes restos, pequenos vestígios deste passado e eles funcionam como “conectores entre o tempo vivido e o tempo universal, que reconfiguram o tempo histórico da narrativa documentária. (TOMAIM, 2010, p.105)

Pierre Nora (1993) amplia essa reflexão defendendo que a memória está sobre todos os elementos que constituem um registro, ou arquivo desta memória. Para ele, este movimento vai além dos elementos técnicos ou recursos existentes, mas necessita deles para provar tal existência que se manifesta e confirma somente através da memória.

A memória se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem. O movimento que começou com a escrita termina na alta fidelidade e na fita magnética. Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e a preservação integral de todo o passado. (NORA, 1993, p.13)

O autor acredita que a obsessão existente pelo arquivo, marca registrada da contemporaneidade, ao mesmo tempo em que é eficaz, também afeta um registro sincero ou integral de todo o presente e do passado. Entenderemos então, a partir daqui, que as memórias são partes fundamentais para construção do documentário, bem como da condução e efetivação da narrativa. Desta forma, construímos memória a partir de memórias...

3. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

Após pesquisa por instituições que acolhem idosos em Mariana, foram identificados dois locais possíveis para a realização deste produto: o Lar Comunitário Santa Maria, que pertence às Obras Sociais Monsenhor Horta e funciona de forma institucional, obedecendo a regras e seguindo normas determinadas para as Instituições de Longa Permanência Para Idosos (ILPIs) e, o segundo, a Vila Santa Luiza de Marilac, que está sob os cuidados das Irmãs de caridade do Colégio Providência e que segue as regras estabelecidas pelas próprias irmãs. Apesar de terem similaridades quanto ao tema terceira idade, os dois locais apresentam diferenças quanto a seus regimentos e regras.

Destes dois locais encontrados em pesquisa prévia, optei por escolher o Lar Santa Maria como objeto de aprofundamento da pesquisa e local para filmagem do documentário. Isso se deve ao fato de que esta instituição abriga uma grande diversidade de pessoas que de fato foram deixadas ali pela família (seja por falta de recursos para determinados cuidados ou pela simples “inadequação” do idoso ao ritmo ditado pela vida no ambiente externo) ou ainda aquelas que foram colocadas no mesmo espaço pela justiça, em uma forma de internação compulsória. Além disso, a direção do espaço se mostrou aberta e sensível à proposta e às reflexões proposta por esta pesquisa. Abaixo, demarco algumas datas importantes dentro deste caminho de investigação/produção:

14 de Junho de 2017

A primeira visita de pré-produção deste filme aconteceu no Lar Comunitário Santa Maria, em Junho de 2017. Lá, tive uma breve conversa com uma das Irmãs responsáveis e com a médica terapeuta ocupacional, Tatiane. Ela me acompanhou na visita ao asilo e fez a apresentação de alguns moradores, além de mostrar os quartos e salas da instituição. Entre os moradores, uma que mais chamou a atenção por sua história foi dona Maria Auxiliadora, uma senhora que possui um grave quadro de depressão.

Essa moradora também tem um filho que sofre com a mesma doença e que, como ela mesma descreve, é “o amor dela”. Porém, ela não o vê faz muito tempo, pois o mesmo não saiu de casa. Tatiane, junto com dona Maria, montaram uma almofada para presentear esse filho. A médica me confessou que o estado do filho de dona Maria Auxiliadora é tão grave

que eles já tentaram encontrá-lo e nunca conseguiram, pois o mesmo não gosta de ter contato com as pessoas. Logo ao entrar no quarto de Dona Maria Auxiliadora, ela disse à médica que ficou sabendo que o filho tinha cortado cabelo e que estava bem, demonstrando para nós ser essa, uma informação de extrema importância em vista do quadro de depressão do filho.

Alguns dos moradores que residem no Lar Santa Maria possuem pouca mobilidade, tendo que ser acompanhados bem de perto. Outros pacientes, como uma senhora que conheci em um dos quartos, possuem esquizofrenia, um dos principais transtornos mentais de que se tem conhecimento. Essa doença é marcada por uma desestruturação psíquica que faz com que a pessoa perca a noção do que é real e o que é imaginação. Essa senhora nos recebeu com sorriso no rosto, e ainda remeteu o meu nome a um velho conhecido da roça onde ela cresceu.

Durante o percurso no qual conheci os quartos e salas do prédio, Tatiane afirmou que são poucas as famílias que vão visitar os familiares que residem no Lar. No dia da visita consegui ver de perto, porém sem interferir, a visita de uma família. É possível notar o quanto aqueles idosos sentem falta deste afeto e presença familiar, pela forma entusiasmada com que recebem aqueles parentes.

Após conhecer o local onde iria desenvolver o projeto, o passo seguinte foi localizar e contatar os responsáveis por sua administração. O trabalho de administração do Lar Santa Maria, que pertence às Obras Sociais Monsenhor Horta é feito por parte da irmã Inocenta Dell Valle. Ela me recebeu e deu seu parecer sobre o projeto, solicitando que eu entrasse em contato com a responsável pelo trabalho de assistência social, Teresa Cristina dos Santos. Após um encontro formal com a mesma e a entrega de um pedido formal e explicativo da proposta, consegui o aval para realização da investigação e recebi algumas orientações sobre o modo como deveria proceder dentro daquele espaço.

07 de Setembro de 2017

A visita seguinte ao Lar Santa Maria aconteceu em setembro de 2017. Nesta data foi feita uma breve entrevista, não gravada, com a assistente social Teresa, sobre as formas de chegada dos idosos à instituição. Essa entrevista, que serviria apenas para nortear o conteúdo teórico deste trabalho, foi usada em novembro do mesmo ano, na Matéria *Aos cuidados do outro*, para a revista laboratorial *Curinga*, que tinha “Lar” como tema na sua edição 23. Visando estabelecer uma relação mais próxima com os moradores e funcionários, percebi a necessidade de escrever algo naquele momento. A temática da revista nessa época facilitou a concretização deste propósito.

06 de Novembro de 2017

Já em novembro, retornei ao Lar Santa Maria e captei algumas imagens de ambientação ou de percepção daquela atmosfera para o documentário, bem como foram feitos registros fotográficos para a matéria já mencionada acima - que escrevi para a Revista Curinga, tendo como abordagem idosos e crianças que vivem sob a tutela de instituições asilares.

É importante destacar que esta primeira captação de imagens serviu tanto para registros iniciais do espaço e situações mais corriqueiras daqueles moradores, como também me proporcionaram colocar em prática uma primeira aproximação com aqueles personagens munido de um aparelho registrador. Essa não é uma tarefa fácil. Dentro de uma concepção de cuidado e respeito para com esses personagens, era preciso promover essa aproximação e registros de maneira lenta, gradual, esperando melhores momentos, esperando gestos de abertura ou possível receptividade para o diálogo. Aos poucos, a visão do jovem documentarista com uma câmera na mão foi ficando menos inquietante e mais natural e próxima desses experientes protagonistas.

A ocasião ainda possibilitou fazer determinadas experimentações de planos e movimentos que transcendiam o embrião da proposta estética antes pensada para a obra. A partir das mesmas experiências, com a câmera in loco, consegui determinar e definir um pouco caminho mais bem delimitado para o processo de captação. Algumas decisões importantes foram tomadas, refutadas ou ainda complementadas. Esse foi o caso da definição pelo uso somente da luz natural durante toda a obra; de tomar como base construtora para a história do filme os narradores-personagens; de identificar espaços cênicos que personalizassem a experiência dos meus protagonistas com aquele lugar de abrigo e com sua própria história de vida.

25 de Março de 2018

Em 25 de março de 2018 realizei nova visita à instituição. O objetivo era entregar a revista Curinga, bem como rever os moradores e funcionários. Nessa ocasião estava acompanhado da minha namorada e de sua irmã que acabaram cooperando com o desenvolvimento deste trabalho, me dando a possibilidade de atuar na direção e filmagem do documentário com mais afinco, enquanto elas assumiram a posição de entrevistadoras – a

partir de um roteiro de questões previamente planejado por mim. Após nos receber, a irmã Inocenta Dell Vale nos informou sobre um surto de conjuntivite e que alguns moradores estavam em seus quartos como uma medida de quarentena, para evitar que o surto se espalhasse.

Nesta visita do dia 25 tivemos um pouco mais de tempo de conversa com uma das personagens deste documentário, Dona Efigênia, mulher religiosa, que dedicou sua vida ao apostolado, catecismo e evangelização. Em 20 de abril, dona Efigênia completou 85 anos. A longa idade não tira dela o seu sorriso e nem sequer sua disposição. Naquela data, ela me confidenciou a sua intenção de realizar um evento para comemorar o aniversário das pessoas que residem no Lar e que possuem mais de 90 anos. Segundo ela, essa comemoração seria acompanhada de uma missa, porém ainda faltava o padre. Quando mencionei a possibilidade de que alguns amigos pudessem tentar encontrar um padre para a celebração na ocasião, ela, logo chama a atenção e diz que não deveria ser feito, pois tudo deveria ser realizado conforme fosse estabelecido pela Irmã e que tentar ajudar poderia atrapalhar.

Outro fato que chamou a atenção na conversa com Dona Efigênia é que, após ver sua foto na revista Curinga, ela demonstrou grande satisfação, escondida atrás de sorrisos tímidos e acompanhada da seguinte frase: “Olha que feia!” - em um tom de brincadeira que, normalmente, só uma criança alegre poderia fazer. Depois disso, ela nos levou para ver seu pequeno jardim na parte de trás do asilo. Lá ela planta e cuida de rosas, ervas para chás e orquídeas, com esforço, disposição e alegria. Naquele espaço ela nos contou sobre todo o empenho para manter suas rosas, aproveitou também para deixar claro que ali no Lar Santa Maria, “muitas pessoas tinham inveja dela”. Segundo ela, tal prática se dava por conta de sua disposição, pois sempre quer ajudar, está sempre empenhada, e cuida sozinha das plantas. Pode até parecer engraçado, mas o fato é que ela realmente tem uma força de vontade e empenho incrível.

Com a ajuda de Dona Efigênia, levantamos nomes de outros possíveis personagens para este filme. Ela nos apontou aqueles que “gostam de conversar e tem boas histórias para contar”. Seguindo a lista de nomes em ordem alfabética, são eles: Eponina, Geraldo, João Eustáquio, Maria Auxiliadora, Maria da Conceição de Oliveira, Raimundo Nonato e Serafim. Não foi possível fazer filmagens na data, por conta da pesquisa e aproximação cuidadosa dos novos e possíveis personagens, além da decorrência do surto de conjuntivite, que nos impedia de ter contato com outros moradores. Ficou acertado com a equipe do Lar Santa Maria visitas regulares aos finais de semana e em dias da semana, de acordo com a disponibilidade dos personagens, bem como das equipes do Lar Santa Maria e da produção do documentário.

31 de Março de 2018

Em 31 de março de 2018 realizamos uma visita ao Lar Santa Maria, na intenção de captar entrevista em vídeo com dona Efigênia, porém, ela acabou não querendo participar naquele momento e remarcando para o próximo final de semana. Ainda no dia 31 fizemos entrevista com o senhor Serafim. A entrevista ficou por conta de Giovana Gomes, que conduziu a mesma de acordo com sua sensibilidade na interação e a utilização das perguntas do roteiro prévio constituído por mim.

O equipamento utilizado para captação de imagens e sons foi: uma câmera Sony, celular, tripé e monopé, microfone shotgun (ou boom) e gravador de áudio.

Na entrevista, o senhor Serafim, relatou alguns momentos de sua vida, além de mostrar certo gosto por música. Pedimos e ele cantou *Trem das Onze*, de Adoniran Barbosa. No primeiro trecho da canção encontra-se a seguinte frase: “Não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor (...)”, nos apropriamos desse trecho e o reformulamos para a pergunta, “O senhor não pode ficar nem mais um minuto, sem o quê?” A resposta do senhor Serafim foi imediata, “Não posso ficar sem Deus”. Para ele, Deus é tudo e já lhe concedeu muitas graças.

Para a entrevista com o senhor Serafim, posicionei a câmera em um ângulo frontal e escolhi o plano americano, com pequenas mudanças deste, para o primeiríssimo plano em momentos em que queria dar um destaque para as mãos ou o rosto. Não foi utilizado o plano de detalhes por ser uma entrevista mais aberta, com um tema mais descontraído.



Figura 1 - senhor Serafim dando risadas após comentário feito por ele. Imagem do documentário

Senhor Serafim, possui muita garra. Segundo ele, se não fosse o problema no joelho e a idade, estaria trabalhando até hoje, para fazer, como ele diz, “um dinheirinho”.

07 de Abril de 2018

No dia 07 de abril de 2018 havíamos programado outra visita ao Lar Santa Maria. Ao chegarmos lá constatamos que seria impossível a realização da mesma, em função de estar acontecendo uma missa em comemoração a páscoa - que havia acontecido no final de semana anterior. Logo que entramos a dona Efigênia nos encontrou na porta. Ela veio nos avisar que não iria dar entrevista naquele dia. Segundo ela, suas amigas que costumam visitá-la não foram lá para ajudá-la a preparar os seus documentos para nos apresentar. Ela também relatou que era bom eu fazer entrevista com todo mundo e que deixasse ela por último, “por causa da inveja”. Observando a relutância de dona Efigênia em conceder a entrevista para a produção deste trabalho, e em vista do tempo que investimos todas as vezes para conversar com ela, chegamos a conclusão (naquele momento) de que ela não entraria mais neste trabalho como personagem com voz ativa.

Outro ponto desta visita foi o agendamento da entrevista com o senhor João Eustáquio. A irmã Inocenta me chamou para conversar sobre ele. Segundo ela, o senhor João, está com um processo na justiça contra sua família por conta de terem deixado ele no asilo. A partir daí, tentei deixar este personagem por último, a fim de avaliar com mais calma e tempo

esta situação. Aproveitei o momento da missa para fazer mais algumas imagens de cobertura e também para captar alguns sons diegéticos.

15 de Abril de 2018

Em 15 de abril de 2018 retornamos ao Lar Santa Maria. Dessa vez contamos com a ajuda da jornalista Tainara Torres, que contribuiria para minha pesquisa assumindo a posição de cinegrafista.

Ao chegar ao lar me deparei com uma celebração. Um grupo de evangélicos estava presente ali para tocar e cantar para os moradores. A princípio fui tomado por um medo de não conseguir realizar minhas atividades por conta de mais esse evento, porém, tudo aconteceu de forma completamente diferente.

Primeiro me encontrei com Tainara e repassei com ela os detalhes do trabalho. Pedi que ela produzisse imagens que fossem mais sensíveis, percebendo as sutilezas daquelas pessoas e do seu cotidiano – imagens que registrassem aqueles detalhes que, muitas vezes, escapam de uma primeira e rápida visualização. Não esperava tanta *beleza!* As imagens captadas por ela não apenas são muito sensíveis, como nos tocam de tal maneira que nos suscitam inúmeras reflexões sobre esta fase da vida. Percebi que a minha imersão no projeto, a vivência constante com os moradores e funcionários da casa, de uma determinada forma, me distanciavam um pouco da visão desses aspectos mais sutis. Mesmo que os planejassem para meu filme e ansiassem por vê-los registrados, eles ainda teimavam em fugir do meu olhar enquanto filmava. Assim, creio que trazer esse novo olhar, ainda virgem para aquela realidade, possibilitou a captação desse material com tanto conteúdo e possibilidades.



Figura 2 – Senhor Donato em contato direto com a câmera. Imagem do documentário

Naquele dia tão produtivo também gravamos com dona Eponina. O desenvolvimento da entrevista se deu de forma tão espontânea quanto esperávamos. Ela não se sentiu acuada com a câmera, além de ter ficado incrivelmente grata por quisermos contar a sua história.

Eponina é sorridente, carismática e muito receptiva. Vê sua maior perda e maior saudade no falecido marido. Apelidada por ele de *Preta*, e assim chamada quando ele pediu que ela largasse o samba e bloco que sempre seguiu. Carnavalesca, ela confia que sua música favorita é *Moreninha*.



Figura 3 - Eponina em entrevista no seu quarto. Imagem do documentário

Nessa entrevista a câmera ficou posicionada em um ângulo 3/4, deixando a personagem posicionada levemente em um ângulo de 45 graus. Depois de posicionada conforme o planejamento prévio, essa câmera ficou gravando sem um(a) cinegrafista durante a entrevista, buscando constituir assim, uma câmera observativa. Apenas a configurei e posicionei. A segunda câmera ficou com a jornalista Tainara Torres que, nesse momento, também colaborou como entrevistadora.

A segunda entrevista realizada no dia, foi com o senhor Raimundo Nonato - homem de poucas palavras, que fica alegre quando remetemos seu nome ao do personagem, Professor Raimundo Nonato, criado pelo saudoso Chico Anísio. Sua entrevista ficou totalmente sob minha responsabilidade, uma vez que Tainara estava produzindo outras imagens no mesmo momento. Como teria de tomar conta da Câmera e, ao mesmo tempo, conduzir a entrevista, me descuidei no ângulo que posicionei a câmera. Colada em um ângulo 3/4, não percebi que acabei fugindo à regra dos terços, deixando mais espaço vazio atrás do personagem. Esse posicionamento do personagem acabou oferecendo novas possibilidades reflexivas para o espectador.



Figura 4 - senhor Raimundo Nonato em entrevista no pátio. Imagem do documentário

Parte da sequência foi alterada no processo de edição, através de mudança no enquadramento, fazendo com que o personagem tenha mais espaço dentro do mesmo.

22 de abril de 2018

A visita do dia 22 de abril marcou um momento importante de imersão no trabalho. Novamente nos deparamos com um grupo que iria cantar para os residentes do Lar. A diferença entre esse grupo e aqueles anteriores foi enorme. Eles eram formados também por algumas pessoas da terceira idade e cantaram canções que os idosos têm familiaridade, músicas antigas da época de sua mocidade. Algumas dessas, inclusive, compuseram, posteriormente, a trilha musical de nosso filme, como *Trêm das onze*, de Adoniram Barbosa e *Moreninha Linda* de Tonico E Tinoco.

Na ocasião gravei imagens de cobertura e também complementei a entrevista com dona Eponina. Das imagens gravadas para cobertura, algumas se destacam pela sensibilidade. Uma dessas imagens é a de nona Efigênia olhando diretamente para a câmera.



Figura 5 - dona Efigênia se aproxima, gradativamente, da equipe e da câmera. Imagem do documentário



Figura 6 - senhor João Eustáquio e a mirada para rua. Imagem do documentário

A próxima etapa era visitar o Lar Santa Maria em dia de visitas de familiares, que acontecem durante os dias da semana. Queria ter uma noção do número de visitantes familiares dos residentes para comparar com as visitas dos não familiares.

03 de maio de 2018

No dia 03 de maio iniciei os processos de decupagem e edição do material captado. Ao todo, foram mais de seis horas de material captado (entre imagens e sons). Em um primeiro momento assistindo todos os arquivos de vídeo e áudio. Precisava começar o processo de construção da minha narrativa...

Escolhas de edição

Após perceber o potencial e as características das diversas peças que tinha disponível (entrevistas, sons diegéticos, imagens em movimento, memórias...), precisava decidir com qual sequência iria iniciar o meu documentário. Queria compor um instante que suscitasse reflexões, abrisse o leque de discussões de maneira profunda e sensível. Em todo trabalho de produção audiovisual tento encontrar um ponto de partida, uma formulação iniciática ou embrionária que apresentasse um prenúncio daquilo que estará por vir. Em um primeiro momento pensei em iniciar partir da entrevista de um dos personagens, mas, logo no processo de montagem em primeiro corte do vídeo, senti a necessidade de situar o espectador a cerca do local onde toda a narrativa vai acontecer e, a partir disso, deixar que ele tenha suas percepções.

Pensando nisso, começo o documentário com uma imagem bastante sugestiva, em preto e branco, para a abertura. O título do documentário aparece ao pé do vídeo, onde o plano de fundo é a imagem de parte do prédio que dá acesso a quartos que estão vazios, e no centro do plano, vê-se uma cadeira de rodas repousa solitária. Os principais elementos da imagem são uma cadeira de rodas, uma mesa colocada sobre outra e um quarto que pouco se vê pela baixa luminosidade. Alguns detalhes sugerem que o espaço é um leito e isso chama nossa atenção. A imagem é bem forte e a coloração utilizando apenas o preto e branco aumenta a inquietação do espectador sobre a mesma. Os objetos presentes sugerem abandono, solidão, melancolia.

A trilha musical que, aos poucos vai ganhando espaço e nos leva a um novo espaço. A próxima imagem sugere intimidade com o local - uma imersão na qual a produção deste filme me proporcionou. Sua importância está diretamente ligada ao mergulho feito por mim no trabalho, como também na representação da necessidade de se tratar este tema, uma vez que, ainda hoje, grande parte da sociedade não consegue ver e valorizar, de forma aprofundada, as

pessoas que já chegaram à velhice.

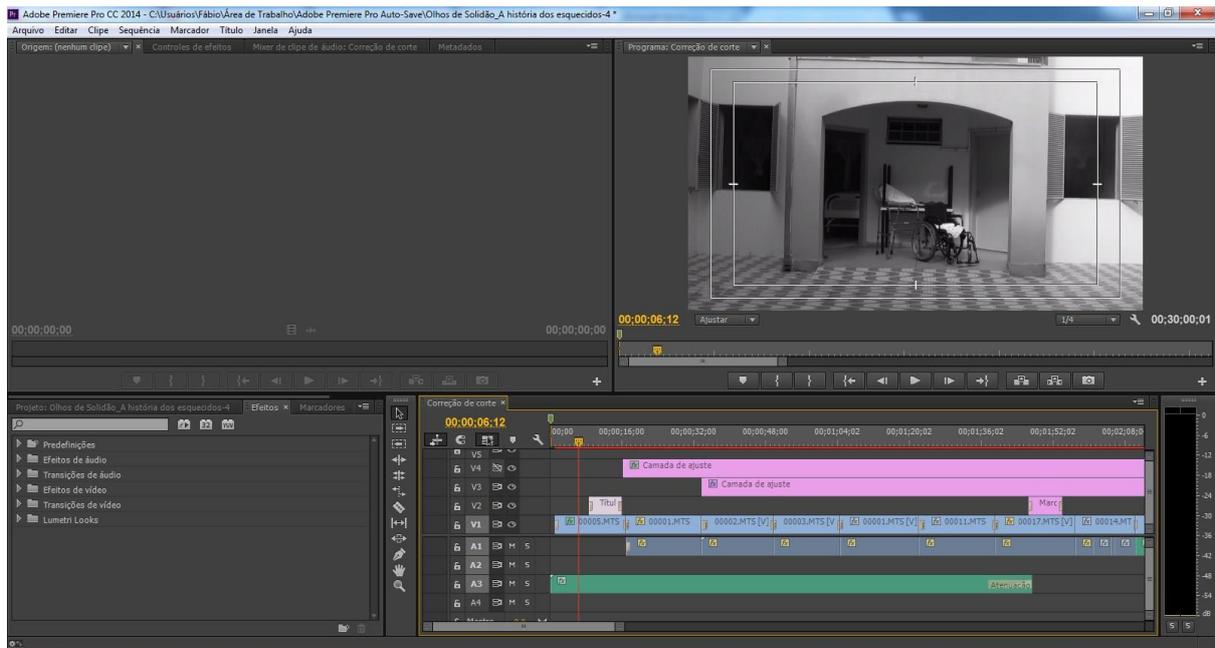


Figura 7 - Processo de edição (Imagem de abertura do documentário). Imagem do documentário

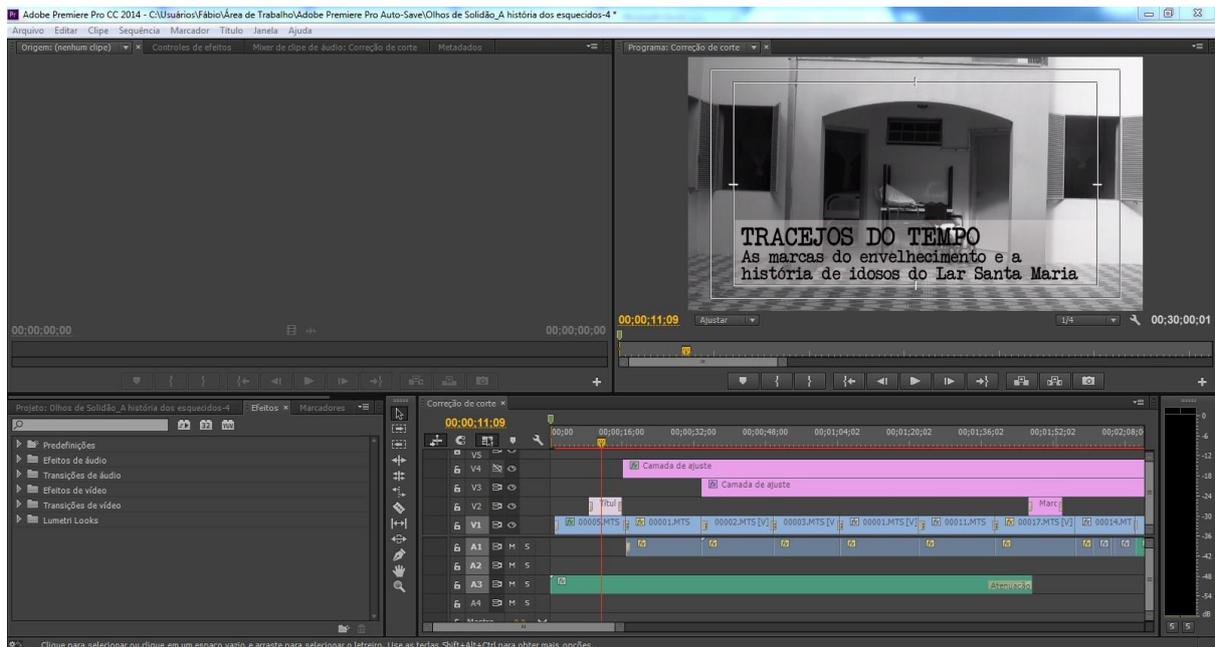


Figura 8 - Processo de edição (Imagem de abertura do documentário com Título). Imagem do documentário

Logo após levo o espectador para outra visão que mostra a janela do refeitório aberta. O espaço está repleto de idosos. E assim é dado início ao que seriam as sugestões críticas. A partir deste ponto, faço o uso de várias *Transições para Preto* (nome conforme descrito no programa de edição) em algumas das principais mudanças de planos de câmera. Na

montagem, a ideia dessa transição é sair de determinada imagem para um fundo sólido preto e, na sequência, surgir nova imagem é a de imitar o movimento de *piscar* ou *fechar os olhos*. Isso se justifica por conta de uma crítica na qual percebo, a partir das pesquisas realizadas para construção deste memorial e as percepções no processo de captação de imagens e sons, que a sociedade pouco vê ou quer enxergar aquela realidade e, mesmo muitos daqueles familiares que deixaram seu parente pelos vários motivos já descritos aqui, esquecem de visitá-los ou simplesmente deixam de visitá-los.

Outra ação dentro desse processo de edição foi a correção das imagens da entrevista com o senhor Raimundo Nonato. Inicialmente, elas foram captadas em um enquadramento equivocado, que cortava o personagem. No processo de edição apliquei um zoom na imagem, re-enquadrando a mesma e deixando o personagem ocupar mais espaço na composição. Conforme já descrito, podemos observar estes procedimentos de edição adotados nas imagens que seguem abaixo.



Figura 9- Processo de edição (correção de enquadramento cinematográfico). Imagem do documentário

Um ponto significativo desse processo de edição foi escolher fragmentos que representassem a força desse tema e da discussão proposta, especialmente para o início e o fim do meu documentário. A partir da visualização desses dois momentos da obra consegui elaborar de maneira mais produtiva o desenrolar da narrativa. Uma das imagens escolhidas para o final foi retomar a participação de um senhor que não falou durante o filme, mas teve uma participação representativa a partir da força de algumas imagens nas quais aparece e tenta dialogar com a câmera. No início da obra ele é visto largado no corredor daquela

instituição, solitário e sério. No desfecho do filme, de maneira cíclica, ele volta em um plano onde está sorridente, se movimenta com sua cadeira de rodas pelo espaço, se aproximando da câmera e a encarado-a (também a cada um de nós – equipe e espectadores). Seu movimento na cena pode sugerir a possibilidade de reconstrução, dinâmica, identificação de novas possibilidades para essa fase da vida - uma situação quase inversa à maneira como ele é visualizado nos primeiros planos do documentário.

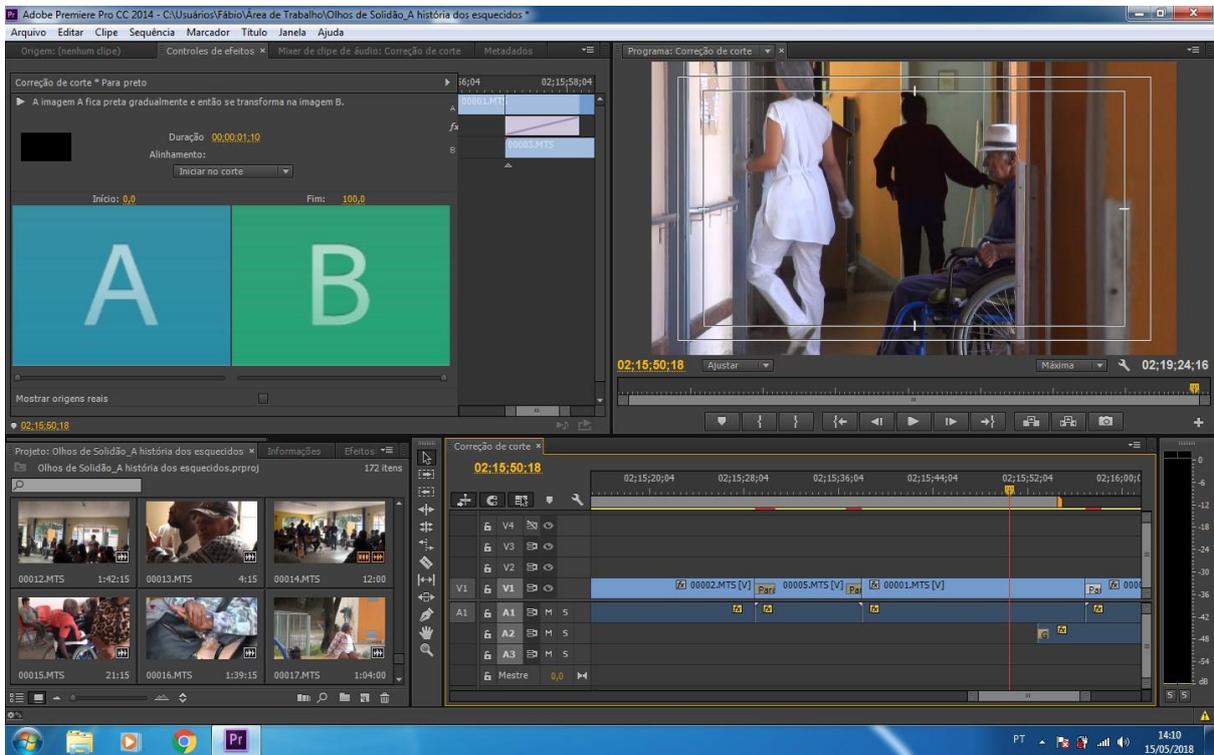


Figura 10 - Processo de edição (construção do início do documentário). Imagem do documentário

Durante o filme dividi a narrativa em três sub-temas. Para demarcar as passagens ou mudanças entre cada um desses sub-temas escolhi imagens captadas no próprio local de lençóis estendidos sobre o varal nos fundos da instituição. Ao serem tocados pelo vento, os lençóis balançam para frente e para trás em um movimento suave, delicado e harmônico que pode sugerir a ideia de deslocamento. E, aqui, é exatamente essa a proposta: levar o espectador para dentro do filme.

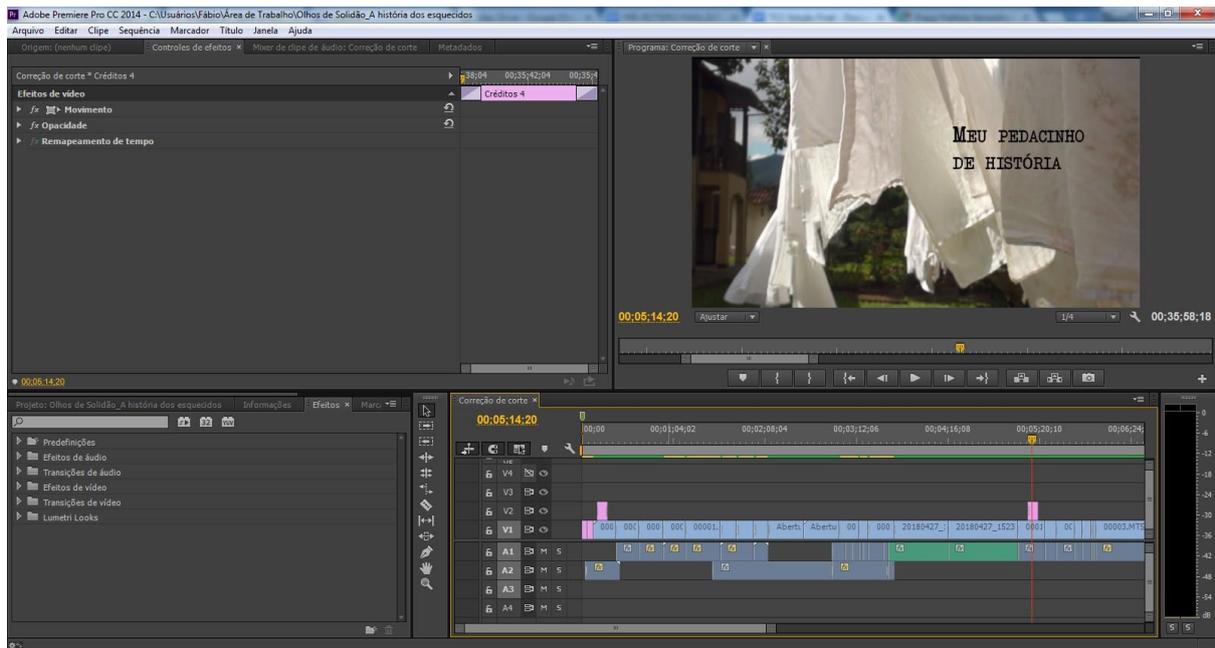


Figura 11 - Processo de edição (Passagem de vídeo). Imagem do documentário

O processo de edição foi desenvolvido também a partir de reflexões sobre as sutilezas daquele cotidiano, o contraste entre momentos de calma e alguma atividade usual daqueles personagens. Assim, cada movimento deles – por mais simples que pudesse parecer em uma primeira visualização – foi, cuidadosamente percebido, revisado. Afinal, esses movimentos sempre sugerem tanto...

As cores vivas do pátio se repetem em algumas das imagens. Elas promovem um contraste com imagens de pouca luz, onde determinadas sombras ganham espaço na tela, criando uma atmosfera que pode sugerir algumas características para aqueles personagens como cansaço, solidão, fragilidade. Pensando nisso, tentei me apropriar desse fator de baixa luminosidade para os momentos em que fossem abordadas questões mais sérias.

A escolha dos personagens aconteceu seguindo alguns pontos como, disponibilidade ou desejo em participar do filme e lucidez para rememorar fragmentos das suas respectivas histórias. Uma das personagens mais difíceis neste processo de aproximação/confiança foi dona Efigênia. Após ter se mostrado disposta a participar, ela mudou de ideia diversas vezes. Por fim, quando eu já pensava que o filme não teria a sua marcante presença, ela nos convidou a ouvir sua história, repleta de singularidades e beleza. Outras escolhas seguiram pela indicação da própria dona Efigênia, bem como de outros moradores ou funcionários do lar. Mesmo aqueles que não queriam participar diretamente das gravações, indicavam um amigo que poderia contribuir mais conosco. Entre os participantes está dona Eponina que, apesar da dificuldade de fala, possui uma história que nos cativa e comove.

Outra grande dificuldade na constituição deste filme era encontrar idosos cuja fala também fosse compreensível no registro. Muitos deles já não articulam como antes, prejudicando a compreensão do importante conteúdo que eles podem nos oferecer. Para uma obra baseada na narração-personagem, este fator era determinante, uma vez que desejávamos apresentá-los enquanto agentes protagonistas, dotados de vez, lugar e voz neste filme.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa foi possível compreender que o processo de envelhecimento é definido por diversos fatores, sendo que alguns deles estão relacionados ao corpo, como a perda considerável de força, vitalidade e agilidade - sintomas que fazem com que o idoso passe a necessitar cada vez mais de atenção e cuidado. É também muito frequente na velhice uma predisposição ao aparecimento de doenças psicológicas que puderam ser observadas durante o processo de pesquisa, bem como na apuração e captação de imagens e sons nas visitas ao Lar Santa Maria, onde tive contato com diversos casos. Também é preciso destacar que o processo de envelhecimento acontece das mais variadas formas, sendo perceptível diferenças entre cada indivíduo.

O que para alguns idosos é visto como peso, para outros é o momento de descansar. Um exemplo deste posicionamento é o senhor Raimundo Nonato, que não gostaria de voltar no tempo, e que agora pretende apenas aproveitar o tempo para o descanso, alegando que *já viveu muitas experiências*. Dona Efigênia também considera que voltar no tempo não é necessário, porém, o faria para voltar a trabalhar com o que mais amou nessa vida: o apostolado.

Durante o processo de captação de imagens e sons pude perceber a dissonância entre as visitas de familiares e de visitantes sem parentesco com os residentes. As filmagens aconteceram em um primeiro momento nos finais de semana, que são reservados à visita de pessoas que não são parentes dos moradores do lar. No entanto, percebi que deveria realizar este processo em alguns dias úteis, reservados a quem possui parentesco. Pude constatar que o número de visitas por familiares é inferior ao número de visitas por pessoas que não tem laço direto de parentesco com aquelas pessoas. Esse fato também pode ser verificado ao entrevistar qualquer funcionário da instituição.

Um das características e objetivos deste filme é dar espaço, voz e lugar para as memórias destes idosos. É preciso valorizar suas experiências, bem como histórias de vida! Se por um lado este trabalho não se esgota aqui, é porque estas memórias recontadas, reconstruídas, são elementos que se transformam novamente em memória, e partem para além deste momento, deste documento audiovisual. Assim, construímos um produto do presente, criado no hoje, mas que registra, que conta e reconstrói fragmentos do passado. Este documentário tem como intenção contribuir para uma mudança a realidade acima discutida, sobre a não valorização dos idosos, sobre o modo muitas vezes negativo como algumas pessoas vêem a velhice.

Por muitas vezes a sociedade não enxerga o idoso com toda sua potencialidade, todo seu caminho, sua experiência, seus anseios, tudo o que ele representa e representou. Alguns tapam os olhos para esta realidade e outros tentam de alguma forma fugir dela. Mas nos cabe como futuros jornalistas e pesquisadores do campo da comunicação social, trazer ao público todas as discussões acerca do tema e suscitar novos debates sobre essas questões. Assim, hoje, defendo a necessidade de dar mais atenção àqueles que chegaram ao processo de envelhecimento.

Considero justa a luta que algumas pessoas tem pela velhice. Grupos como o coral de Violas da Cidade de Mariana- MG, que tanto se conectaram com os residentes durante uma de minhas visitas no asilo. Eles avivaram memórias através de músicas que marcaram época da grande maioria dos residentes do Lar. Também é justa e de fundamental importância a luta do grupo de apoio Mon Senhor Horta, que conheci logo após os processos de captação e que realizam um trabalho humanitário junto ao Lar Santa Maria. Eles promovem eventos beneficentes para arrecadação de fundos para a instituição, assim como também vão até o asilo para fazer o dia da beleza e festa para os idosos.

Um ponto crucial e que também se faz necessário lembrar é a importância de programas para o bem estar da população, sobretudo dos idosos que necessitam de atenção, seja ela, saúde, lazer, direitos legais, educação e afetivo. Cabe a nós na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, bem como fazer valer políticas que beneficiem a todos. Desse modo, considero justa toda luta por uma sociedade igualitária e afirmo que nosso papel como jornalistas ocupa um espaço de grande relevância neste processo.

FICHA TÉCNICA

Personagens:

Efigênia Oliveira

Eponina Bastos

Raimundo Nonato

Senhor Serafim

Direção:

Fábio Souza

Produção:

Fábio Souza

Gisele Dias

Roteiro de entrevista:

Fábio Souza

Roteiro de edição:

Fábio Souza

Imagens:

Fábio Souza

Gisele Dias

Tainara Torres

Repórter de entrevista:

Fábio Souza

Giovana Gomes

Gisele Dias

Tainara Torres

Orientação:

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha

Músicas

A Quiet Thought - Wayne Jones

English Country Garden - Aaron Kenny

Betterdays - Bensound

Tenderness - Bensound

Tomorrow - Besound

Moreninha linda - Tonico e Tinoco por Grupo da Casa de Cultura do Curso de Violão Prof. Moura Santos

Trem das Onze - Adoniran Barbosa por Grupo da Casa de Cultura do Curso de Violão Prof. Moura Santos

Duração:

29 min

Apoio:

Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA

Lar Santa Maria - Obras Sociais Mon Senhor Horta - OSMH

REFERÊNCIAS

AGENCIA FAPESP. **Brasil terá sexta maior população de idosos no mundo até 2025.** Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/brasil_tera_sexta_maior_populacao_de_idosos_no_mundo_ate_2025/23513/>. Acesso em: 12 abr. 2018.

ALMEIDA, Fabiana Souza De. **Idosos em instituições asilares e suas representações sobre família.** Dissertação de Mestrado, Goiânia, p. 11-103, mar. 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ARAÚJO, C. K. et al. **VÍNCULOS FAMILIARES E SOCIAIS NAS RELAÇÕES DOS IDOSOS.** Revista Jovens Pesquisadores, Santa Cruz do Sul, n. 1, p. 97-107, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/jovenspesquisadores/article/view/2868/2033>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. **LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003.** *Estatuto do Idoso*, Brasília, DF, out. 2003.

BRUM, Eliane. **O olho da rua:** Uma repórter em busca da literatura da vida real. 1 ed. São Paulo: Globo, 2008. 424 p.

CALDAS, Célia Pereira. **O idoso em processo de demência:** o impacto na família. In: MINAYO, MCS., and COIMBRA JUNIOR, CEA., (orgs). *Antropologia, saúde e envelhecimento* [online]. 1 ed. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002. 51-71 p.

CAMARANO, Ana Amélia; BARBOSA, Pamela. **INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS NO BRASIL: DO QUE SE ESTÁ FALANDO?.** Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões, [S.L], p. 479-514, jan. 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/161006_livro_politica_nacional_idosos_capitulo20.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil.** Revista Brasileira de Estudos de População, São Paulo, v. vol.27, n. No.1, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982010000100014>. Acesso em: 05 abr. 2018.

DANCYGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo:** História, Teoria e Prática. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 522 p.

DELECRODE, Luiz Gilmar. **ABANDONO: A DOENÇA DA TERCEIRA IDADE.** Trabalho Monográfico, Rio de Janeiro, p. 1-24, jan. 2002. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/19/LUIZ%20GILMAR%20DELECRODE.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

ÉPOCA. **O governo quer mudar a atenção básica à saúde. quais os efeitos?**. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/saude/check-up/noticia/2017/08/o-governo-quer-mudar-atencao-basica-saude-quais-os-efeitos.html>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FERRO, Marc. **Cinema e história**: tradução Flávia Nascimeto. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 244 p.

FOLHA DE SÃO PAULO, FOLHA DIGITAL. **Programa saúde da família está sob ameaça de desmonte, dizem entidades**. Disponível em: <programa saúde da família está sob ameaça de desmonte, dizem entidades>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FRIAS, Ana Cristina Figueiredo De. **MÍDIA, MEMÓRIA E HISTÓRIA. Mnemosine Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 153-167, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://docs.wixstatic.com/ugd/101348_66fde2d10c3e42899a22b4039c1bcf89.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2018.

GOMES, Iara Oliveira; TERUYA, Teresa Kazuko. **REPRESENTAÇÕES SOBRE ENVELHECIMENTO E CONSUMO NA TELA DO CINEMA**. Travessias, Paraná, v. 5, n. 1, p. 289-298, jan./dez. 2011. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4538>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

GONÇALVES, Rubens Paulo. **Envelhecer bem**: Recriando o Cotidiano. 1 ed. Rio de Janeiro: Aquariana, 2010. 148 p.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS: SÍNTESE DE INDICADORES DE 2015**. IBGE, Rio de Janeiro, p. 1-105, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

IBGE, Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, Rio de Janeiro, v. 35, p. 1-134, jan. 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

IPEA, Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada. **Infraestrutura Social e Urbana no Brasil subsídios para uma agenda de pesquisa e formulação de políticas públicas**: Condições de funcionamento e infraestrutura das instituições de longa permanência para idosos no Brasil. Comunicados do Ipea, Série Eixos do Desenvolvimento Brasileiro, [S.L], n. 93, jan. 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/110524_comunicadoipea93.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. 94 p.

LOPES, Renata Francioni; LOPES, Maria Teresinha Francioni; CAMARA, Vilma Duarte. **Entendendo a solidão do idoso**. Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, v. 6, n. 3, p. 373-381, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/362>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 270 p.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2011. 142 p.

SEHN, EDIANEZ; CARRÉR, JANETE. **AFETIVIDADE NA TERCEIRA IDADE: REPENSAR OS SENTIMENTOS, AS POSSIBILIDADES E AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS**. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 24, p. 15-24, jan. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/view/3574>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SILVA, João Nunes Da; ALVES, Anderson De Souza. **Ator Social e Personagem e suas Implicações no Documentário**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2459-1.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

TOALDO, Adriane Medianeira; MACHADO, Hilza Reis. **Abandono afetivo do idoso pelos familiares: indenização por danos morais**. Âmbito Jurídico, [S.L], n. 99, abr. 2012. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11310>. Acesso em: 15 jul. 2017.

TOMAIM, Cássio Dos Santos. **O DOCUMENTÁRIO COMO “MÍDIA DE MEMÓRIA”: AFETO, SÍMBOLO E TRAUMA COMO ESTABILIZADORES DA RECORDAÇÃO**. **Significação**, São Paulo, v. 43, n. 45, p. 96-114, jan. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/111443>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

(UNFPA), Fundo De População Das Nações Unidas; INTERNATIONAL, HelpAge. **Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio**. Resumo Executivo, Nova York, Londres, p. 1-8, jan. 2012. Disponível em: <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

ANEXOS

Roteiro de entrevistas

OLHOS DE SOLIDÃO: A história dos esquecidos

ROTEIRO MODELO ALFREDO RODRIGUES

1. Concepção e Abordagem

É proposta desse filme é mostrar o cotidiano dos idosos residentes no Lar Santa Maria, bem como suas histórias. Este filme terá uma duração aproximada de X minutos. O documentário pretende mostrar de forma clara as histórias e estórias dos personagens esquecidos e isolados na Instituição, que trazem consigo o peso do tempo e a experiência da idade. A intenção é mostrar como essas pessoas foram deixadas ali pela vontade de outros. As imagens serão a partir da vida dessas pessoas, a narração irá surgir a partir de suas histórias. A ideia de produção cinematográfica, segue algo parecido com o documentário *Relatos Marcantes: história dos idosos do Asilo São Vicente de Paulo*.

Como vivem esses idosos? Como são seus leitos? Como e onde se alimentam? Quais as histórias desses idosos? Como foram parar ali e qual é a relação deles com o lugar? Este filme quer responder perguntas que não são feitas pela maioria das pessoas da nossa sociedade. Pessoas que se esqueceram dessas pessoas e que tentam manter longe a ideia de envelhecer. Construído no formato narrador personagem, o filme será contado e direcionado por estas pessoas.

Vamos trabalhar com Planos médios para mostrar personagens em suas atividades diárias, para assim mostrar o local de sua residência bem como personagens. Será usado o plano americano para entrevistas, plano fechado e o primeiríssimo plano para os relatos mais sensíveis dos personagens.

2. Escolha e descrição do(s) objeto(s)

Os participantes deste trabalho são idosos que residem no Lar Santa Maria, os principais personagens escolhidos são Senhor Serafim, Dona Efigênia, dona Eponina e Senhor Raimundo Nonato que em entrevista irão contar sua história pessoal desde a infância até a chegada no Asilo Santa Maria. A ideia é que se construa um diálogo simples, onde o entrevistado se sintam à vontade para relatar os principais momentos de sua vida.

As imagens de OFF irão trazer o espectador para dentro da realidade do Asilo, imagens como uma idosa sendo alimentada por alguma outra pessoa. Imagem de uma janela aberta de uma cozinha onde idosos tomam café. São personagens reais em ocasiões do cotidiano. Destaque para os movimentos que são feitos por personagens que ficam ali parados vendo o tempo passar.

3. Escolha e justificativa para a(s) estratégia(s) de abordagem

Este filme é composto de entrevistas mais humanizadas onde a sensibilidade ganha espaço, é onde iremos nos comover ao enxergar a realidade presente em cada registro. Pensando nessa composição a relação da câmera com os personagens reais será fundamental, cada olhar, cada movimento, cada lágrima. Pensando nisso os ângulos fechados para construir essa composição serão favoráveis. A construção de paisagens sonoras ou imagens abstratas, introdução de ruídos sonoros ou visuais serão escolhidos a partir da identidade do local, um exemplo para a escolha musical/sonora é a *música Trem das Onze de Adoniram Barbosa* que é a favorita do Senhor Serafim.

As entrevistas com personagens será feita com câmera posicionada em PLano Americano que se justifica pelo fato de que alguns idosos possuem movimentos limitados ou estão em cadeira de rodas, além de ser um plano que dinamiza uma conversa onde duas pessoas estejam sentadas conversando. São dois possíveis ângulos para as entrevistas sendo eles o Frontal e 3/4, justificados por uma escolha estética presente na maioria de documentários que vemos. As entrevistas serão realizadas do lado de fora do prédio (no pátio) e no quarto de algum dos personagens, os sons ambientes serão compostos por sons de pássaros, sons de móveis, de conversas, de utensílios domésticos que se batem ou passos nos corredores). Todos esses aspectos são familiares aos idosos, sendo assim utilizados neste projeto.

4. Simulação da(s) estratégia(s) de abordagem

Como já descrito o plano principal é o plano Médio e para as entrevistas é o Plano Americano, onde os dois possíveis ângulos, serão eles o frontal e o 3/4, ambos em altura normal na linha dos olhos do personagem. Os demais planos empregados serão plano de detalhe (foco no olhar e movimento de mãos e pés), primeiro plano e o primeiríssimo plano.

As imagens para OFF, serão gravadas seguindo o padrão sensível com foco em olhos, mãos, pés, conversas, um senhor que fique distante do grupo, ou aquele que fique no quarto. Imagens feitas com pessoas que fiquem nos quartos impossibilitadas de sair por conta da falta de locomoção.

5. Sugestão de estrutura

O documentário segue a partir de visitas agendada aos finais de semana, o filme não ficará preso ao roteiro o tempo inteiro uma vez que devemos levar em conta a disponibilidade e disposição daquele idoso para participar de entrevistas. Tendo como base as imagens de força e sensibilidade que existem em um olhar ou uma mão que toca a cabeça nós poderemos estruturar este trabalho.

O filme terá como base as principais perguntas: **1.** Como foi a infância do (a) senhor (a)? **2.** A senhora sente falta de alguém ou de alguma coisa que tinha antes? **3.** De quê o (a) senhor (a) sente mais falta? **4.** Como o (a) senhor (a) veio morar aqui no asilo? **5.** Você mora aqui a quanto tempo? **6.** O (a) senhor (a), gosta de morar aqui no lar santa maria? **7.** E como é morar aqui no asilo (lar)? **8.** O que o (a) senhor (a) gosta de fazer aqui? **9.** O que é ou como é ter envelhecido para você? **10.** Se o(a) sr.(a) pudesse voltar no tempo o que mudaria? O que faria? **11.** O tempo demora a passar?

Ele será construído a partir destas perguntas e onde será empregado os planos já descritos. Penso que a partir do personagem que mais se destaque poderemos construir uma estrutura melhor formatada e assim empregada no roteiro de edição. Corredores vazios, máquinas que

lavam roupas lençóis que são estendidos e balançam com a força do vento são outras imagens que caracterizam certa importância no filme, sendo empregados nas transições dos vídeos para dar mais fluidez ao documentário.

Roteiro de Edição

Roteiro: Olhos de Solidão: A história dos esquecidos	
Equipe: Fábio Souza	
VÍDEO	ÁUDIO
CENA 1: LOGOS UFOP E ICSA EM FUNDO BRANCO	
LOGO OBRAS SOCIAIS MONSENHOR HORTA EM FUNDO BRANCO	INÍCIO TRILHA CALMA DE MÚSICA ANTIGA
ABERTURA DOCUMENTÁRIO COM VÍDEO SEM MOVIMENTO DE CANTO DO PRÉDIO QUE MOSTRA PARTE DE QUARTOS E UMA CADEIRA ABANDONADA (IMAGEM EM PRETO E BRANCO	CONTINUA TRILHA CALMA DE MÚSICA ANTIGA
IMAGEM DA JANELA DO REFEITÓRIO ONDE IDOSOS SE ALIMENTAM AO FUNDO	SOM AMBIENTE (BARULHO DE PESSOAS NA RUA, GRILOS QUE FICAM NO MATO) + BG
IMAGENS DO REFEITÓRIO DA PARTE DE DENTRO DO PRÉDIO	SOM AMBIENTE + BG
IMAGEM DE QUADRO COM FOTOS DE IDOSOS DO LAR SANTA MARIA	SOM AMBIENTE + BG
IMAGEM SEGUINTE COM IDOSO QUE OLHA PARA O NADA	SOM AMBIENTE + BG
IMAGENS DO SEGUNDO ANDAR COM IDOSOS NO PÁTIO DO ASILO	SOM AMBIENTE + BG
PASSAGEM DE VIDEO (VIDEO DE LENÇOL E AO FUNDO JARDIM DE DONA EFIGÊNIA)	SOM AMBIENTE
MAGEM DONA EFIGÊNIA REGANDO PLANTAS DE SUA HORTA E JARDIM INÍCIO DE DIÁLOGO COM PARTE NO VÍDEO ONDE DONA EFIGÊNIA REGA AS PLANTAS E MUDANÇA PARA	ÔH FÁBIO ESSAS DAI MERECEM UMA REVISTA VIU! TODAS AS DUAS MERECE. PQ ELAS SÃO ÔH!

<p>SONORA DELA EM ENTREVISTA SOBRE SUA VIDA</p>	
<p>IMAGEM PLANO MÉDIO DONA EFIGÊNIA</p>	<p>AH EU GOSTO DE MEXER COM HORTA/ COM AS FLOR, NO APOSTOLADO/ EU DOU MINHA VIDA PELO APOSTOLADO! EU LUTO/ EU JÁ TIVE DOENTE DUAS VEZES POR CAUSA DO APOSTOLADO/ FUI EM DOUTOR ANTONIO LAZARO DUAS VEZES COM ESSA EFIGÊNIA/ QUE É CHEFE DA ENFERMAGEM. E EU FIQUEI DOENTE/ FIQUEI DOENTE/ FIZ TUDO QUE ERA EXAME E NÃO APARECEU NADA/ AI CONVERSEI MUITO COM DOUTOR ANTONIO AZARO/ E ELE FALOU/ NÃO/ VAI MELHORAR/ NÃO SEI O QUÊ/ E CONVERSOU COM EFIGÊNIA/ CONVERSOU COM ESSA IRMÃ AI/</p>
<p>PLANO MÉDIO</p>	<p>DAQUI É MINHA PRIMEIRA COMUNHÃO/ EU FIZ NÃO TINHA SETE ANOS AINDA/ É O LIVRINHO QUE USAVA/ É O JEITO QUE USAVA/ É ISSO AQUI/ 1940/ MINHA PRIMEIRA COMUNHÃO</p>
<p>PRIMEIRO PLANO</p>	<p>ESSE AQUI/ AGORA AQUI É DO APOSTOLADO/ AQUI TEM/ AQUI CÊ PODE FILMAR/ OLHA MEU COITADINHO DO MEU LIVRO/ É O MANUAL QUE AQUI GENTE ESTUDAVA/ A COITADINHO SERÁ QUE DÁ PRA VOCÊ VER MAIS/ CAPAZ QUE NEM DÁ/ ESSE AQUI EU ENTREI LÁ EM DIOGO SE VASCONCELOS/ ERA A PRESIDENTE DO APOSTOLADO DE LÁ QUE ESCREVEU/ SOU DE LA/ NASCI E CRIEI LÁ/</p>
<p>IMAGEM DE DONA EFIGÊNIA MOSTRANDO QUADRO DE JESUS CRISTO FEITO PARA O APOSTOLADO</p>	<p>TRABALHEI NO APOSTOLADO/ MEXENDO/ TRABALHANDO/ PERTENCIA A CINCO ASSOCIAÇÕES/ APOSTOLADO/ SÃO VICENTE/ SÃO FRANCISCO/ LEGIÃO DE MARIA E NOSSA SENHORA DO CARMO/</p>

<p>IMAGEM EM PLANO MÉDIO DE DONA EFIGÊNIA</p>	<p>E LA EM CADA EU DAVA CATECISMO/ DAVA CATECISMO E TRABALHAVA COM/ PREPARAÇÃO PRA BATISMO/</p>
<p>IMAGEM DE CORREDOR ONDE APARECE UMA ENFERMEIRA EMPURRANDO UMA CADEIRA DE RODAS COM IDOSO SENTADO E DONA EFIGÊNIA ESCORADA NA PAREDE</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>IDOSOS NO PÁTIO/ DESTAQUE PARA SENHORA QUE ESTÁ QUASE DE FRENTE PARA OS OUTROS IDOSOS/ DONA EPONINA ENTRA NA IMAGEM/ DONA EPONINA TRANSITA COM A CADEIRA DE RODAS ATÉ SAIR DA IMAGEM/</p>	<p>SOM AMBIENTE</p> <p>MEU NOME É EPONINA BASTOS. SE O MEU EX, QUE EU VOU FALAR COM VOCÊS, EU NUNCA FUI CASADA/</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE DONA EPONINA NO QUARTO (PLANO MÉDIO)</p>	<p>MAS VIVI COM ELE ATÉ ELE MORRER. ELE MORREU EU TAVA UM POUCO MAIS NOVA E ELE TAMBÉM TAVA MAIS NOVO. CHAMAVA JOSÉ FRANCISCO DA SILVA. ASSIM COMO NOS DOCUMENTOS DELE EU COSTUMAVA ASSINAR. ESPOSA DE JOSÉ FRANCISCO DA SILVA. EU MORAVA NA SUBIDA PRA SANTA EFIGENIA ALI. IGREJA SANTA EFIGÊNIA.</p>
<p>MESMO PLANO ANTERIOR</p>	<p>TRABALHEI MAIS DE QUATRO, ACHO QUE UNS CINCO OU SEIS ANOS NA FÁBRICA DE TECIDOS... PERÍODO INCOMPREENSÍVEL... DE HOJE EM DIANTE VOCÊ NÃO COLOCA OS PÉS NAQUELA FÁBRICA! UÉ O QUE MANDAR EU FAÇO.</p>
<p>PLANO DE DETALHES DONA EPONINA OLHANDO PARA A CÂMERA</p>	<p>AÍ ELE FALOU: VOCÊ ACEITA? ACEITO. MAS SE EU SOUBER QUE VOCÊ COLOCOU OS PÉS AO MENOS NA PORTA DA FÁBRICA LÁ, EU</p>

<p>ENTRA IMAGEM DE DONA EPONINA CANTANDO JUNTO DE OUTROS QUE ESTÃO AO LADO, EM EVENTO NO ASILO</p>	<p>VOU TE DAR UM TAPA! FALEI COM ELE: DÁ AQUI DE UMA VEZ!</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE SENHOR SENTADO EM BANCO COM GRANDE PARTE DO PÁTIO SOZINHO E PESSOAS CIRCULANDO POR ELE</p>	<p>BG (MÚSICA MORENINHA LINDA NA VOZ DE CORAL)</p> <p>SOM AMBIENTE</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE SENHOR SERAFIM JUNTO DE OUTROS IDOSOS TAMBÉM NO PÁTIO</p>	<p>SENHOR SERAFIM CANTANDO MÚSICA TREM DAS ONZE DE ADONIRAN BARBOSA</p>
<p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE SENHOR SERAFIM CANTANDO</p>	
<p>MUDANÇA DE PLANO SENHOR SERAFIM AINDA CANTANDO</p>	
<p>MUDANÇA DE IMAGEM SENHOR SERAFIM CANTANDO MÚSICA EM EVENTO DO CORAL JUNTO DE OUTROS IDOSOS</p>	<p>SOM AMBIENTE CORAL CANTANDO MUSICA TREM DAS ONZE</p>
<p>ENTRADA DE MÚSICA JUNTO COM SENHOR SERAFIM CANTANDO</p>	
<p>IMAGEM EM PLANO MÉDIO DE SENHOR SERAFIM NO PÁTIO</p>	<p>DE MÚSICA EU GOSTO/ É UMA PENA QUE EU NÃO APRENDI MAIS/EU APRENDI POUCAS MÚSICAS/</p>
<p>MESMO PLANO ANTERIOR COM LEVES PUXADAS DE ZOOM</p>	<p>EU MORAVA NA ROÇA. NUM LUGAR CHAMADO DISTRITO DE SERRO. EU VIM PARA BELO HORIZONTE COM QUATORZE ANOS DE IDADE SEM DOCUMENTO. DOCUMENTEI. TIREI CARTEIRA DE MOTORISTA TRABALHEI NA PRAÇA COM TÁXI.</p>
<p>ENTRA IMAGEM FILMADA DO PÁTIO DE FRENTE PARA OUTRA ENTRADA DO REFEITÓRIO</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>

<p>SENHOR RAIMUNDO APARECE NA IMAGEM</p> <p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE SENHOR RAIMUNDO DANDO ENTREVISTA NO PÁTIO</p>	<p>FUI NASCIDO LÁ NO MUNICÍPIO DE BARRA LONGA/ E CUIDAVA DA MINHA MÃE/ELA MORREU COM NOVENTA E TANTOS ANOS/DOENTE/ TUDO QUE FAZIA GASTAVA NELA/ E TRABALHAVA NA ROÇA/ DEPOIS EU FUI PARA SÃO PAULO COM 25 ANOS E LÁ FIQUEI ATÉ 27 ANOS/ COMPREI TERRENO/ CONSTRUIR CASA/ TRABALHEI NA BOMBRIL/ FOI NA BOMBRIL QUE EU GANHEI DINHEIRO PRA COMPRAR TERRENO/ CONSTRUIR/ PORQUE O SALÁRIO ERA BOM/ A DESPESA ERA DESCONTADA NO IMPOSTO DE RENDA/ DEU PRA MIM COMPRAR O MATERIAL/ COMPRAR TERRENO E FAZER CASA/ E VENDI LÁ E COMPREI AQUI EM ACAIACA/ E AGORA VENDI EM ACAIACA PQ A CASA E TÔ AQUI/ PQ EU MORAVA SOZINHO E ADOECI/ AGORA EU TIVE UM VIZINHO MUITO BOM LÁ/ QUE CUIDOU DE MIM/ FOI ELE QUE ARRUMOU PRA MIM AQUI/ A TIA DELE TEVE AQUI/ E AGORA GRAÇAS A DEUS EU TO SATISFEITO PQ NÃO ME FALTA NADA/ TODO MUNDO É EDUCADO/ PQ O RESPEITO É A MELHOR COISA QUE TEM/ DUAS/ TRÊS COISAS QUE TEM/ A HUMILDADE/ A HONESTIDADE E O RESPEITO/ QUEM NAO TIVER ISSO NAO É FACIL PRA VIVER EM LUGAR NENHUM NAO/</p>
<p>IMAGEM DE CUIDADORA ARRUMANDO COM CARINHO TOCA DE UMA MORADORA DO LAR</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>MUDANÇA PARA IMAGEM RESIDENTES TENDO AULA NO LAR SANTA MARIA E CRIANÇA NO MEIO DESTES IDOSOS</p> <p>TRANSIÇÃO</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>IMAGEM DE CUIDADORA JUNTO A IDOSOS COM DESTAQUE PARA IDOSAS EM CADEIRAS DE RODAS</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>

<p>SENHORA SENDO ALIMENTADA POR CUIDADORA COM OUTROS IDOSOS AO FUNDO</p>	
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>ENTRA IMAGEM DE PASSAGEM (LENÇÓIS SENDO PENDURADOS NO VARAL)</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>APARECE NOVO TÍTULO (PERDAS E CONQUISTAS</p>	
<p>IMAGEM DE SENHORA COM PANO NA CABEÇA COM IDOSOS AO FUNDO QUASE AO CENTRO DA IMAGEM ESTA DONA EPONINA</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>IMAGEM FILMADA DO PÁTIO DE FRENTE PARA OUTRA PORTA DO REFEITÓRIO/ NA IMAGEM SENHOR DO INÍCIO DO DOCUMENTÁRIO APARECE SE MOVIMENTANDO COM A CADEIRA DE RODAS/ NA IMAGEM APARECEM IDOSOS DENTRO DO REFEITÓRIO E CUIDADORAS TRANSITANDO</p>	<p>SOM AMBIENTE +BG</p>
<p>PLANO DE DETALHES DE ROSTO DE DONA EPONINA</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>PLANO DE DETALHES MÃOS DE DONA EPONINA</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE DONA EPONINA NO PÁTIO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>MINHA VIDA É UM LIVRO ABERTO! TIVE ESSE MARIDO. GOSTAVA DEMAIS DELE. NÃO TEM NINGUÉM AQUI DA COR DELE. ELE ERA ESCURINHO, ESCURINHO MESMO. E EU ADORAVA AQUELE ESCURINHO. QUANDO EU FUI PRO HOSPITAL, EU PROCUREI UMA PESSOA, PQ TAVA COM UM BARRIGÃO ASSIM. PQ UMA CRIANÇA MINHA NASCEU MORTA, NÉ!</p> <p>EU PROCUREI UMA PESSOA QUE FOSSE COMIGO LÁ, PQ EU TAVA CARREGANDO, E PRECISAVA CARREGAR A OUTRA. QUE É ESSA</p>

<p>MUDA PARA IMAGEM ESPELHADA DE DONA EPONINA DENTRO DE SALÃO DE CONVIVÊNCIA</p>	<p>QUE TÁ AÍ QUE É A ISITA. AÍ QUANDO EU VI O RAPAZ QUE LÁ IA COMIGO, FALOU COMIGO SARARÁ, VAMOS FAZER UM TRATO, EU FALEI, QUALQUER UM MEU FILHO, VOCÊ NÃO DESISTINDO DE IR LÁ VISITAR MEU ESPOSO, PODE FAZER O QUE VOCÊ QUISE. MAS AÍ CÊ VAI LÁ COMIGO TÁ. AH MEU FI. QUASE QUE EU DESMAIEI NO MEIO DA ESTRADA,</p>
<p>IMAGEM PLANO DETALHES SENHOR RAIMUNDO NONATO FILMADA DE LADO</p>	<p>ELE MORREU! CONVIVI COM ELE QUATRO ANOS, QUANDO NÓS TAVA ARRUMANDO PRA CASAR. FALTAVA DOIS MESES PRA NÓS CASAR, DEUS LEVOU ELE. OI VONTADE DE DEUS.</p>
<p>MUDA PARA IMAGEM PLANO MÉDIO DE FRENTE PARA SENHOR RAIMUNDO</p>	<p>O SENHOR NÃO CHEGOU A CASAR NÃO? PERGUNTA DO REPÓRTER</p> <p>QUE CASAR RAPAZ! NÃO TO FALANDO QUE A MINHA MÃE MORREU COM NOVENTA E TANTOS ANOS. E TINHA DUAS IRMÃS DEFICIENTES.</p> <p>O DINHEIRO NÃO DAVA NEM PRA COMPRAR COMIDA DIREITO. ERA PIOR QUE ESCRAVIDÃO. FALEI PRA ASSISTENTE SOCIAL. FAZENDEIRO NÃO GOSTA DE TRABALHADOR NÃO. O FAZENDEIRO QUE EU TRABALHA PRA ELE BATIA NOS FILHOS DELE IGUAL TAVA BATENDO EM CACHORRO. ESFREGAVA O MENINO NA PAREDE, JOGAVA O MENINO PRA LÁ. A COMIDA ERA REGRADA. EU COM A IDADE DE QUIZE ANOS, EU GANHAVA A QUANTIDADE DE HOMEM. GANHAVA VINTE CRUZEIROS. MAS TINHA QUE PEGAR SSESSENTA QUILOS. CARREAR, CUIDAR DE PORCO, E FAZER TODO O SERVIÇO DE UM HOMEM. SE NÃO FIZESSE NÃO GANHAVA. MEUS PAIS QUE TRABALHAVAM LÁ GANHAVAM</p>

ENTRA IMAGEM PLANO DE
DETALHES NO ROSTO DE
DONA EFIGÊNIA

SÓ QUINZE CRUZEIROS. NÃO
TINHAM FORÇA PRA CARREGAR
PESO. PEGAR SACO DE SESSENTA
QUILOS. SACO DE ARROZ, SACO DE
AÇÚCAR. MAS ELE NÃO TINHA DÓ
DOS FILHOS DELE IA TER DOR DE
MIM?!

A SENHORA NÃO QUIS PENSAR EM
CASAR NÃO

NÃO/A MINHA IDEIA ERA DE SER
IRMÃ E MEUS IRMÃOS MAIS
VELHOS/ CÊ FICA FALANDO QUE IA
PRO CONVENTO/ AJUDA OLHAR
MAMÃE/ AJUDA A OLHAR PAPAI AÍ
OS MENINOS ESTÃO PEQUENOS AÍ/
CÊ TÁ FAZENDO A MESMA COISA/
FOI INDO/ FOI INDO/ EU FUI A
MADURANDO COMO SE DIZ/ A
MADURANDO MESMO QUE FALA/
NÃO É A MADURANDO NÃO/
CONSCIENTIZANDO MAIS/ E AÍ
GENTE É A MESMA COISA/ E COM
ISSO TINHA SALTADO/ EU AJUDEI A
CRIAR MEUS IRMÃOS O RESTO/ OS
MAIS NOVO QUE EU/ E AJUDEI
CRIAR TODOS QUE DEPOIS DE MIM
TEM SETE/ ENTÃO EU AJUDEI
CRIAR ELES/ CASAR ELES TODOS E
OLHEI MINHA VÓ/ POR FIM A
MINHA AVÓ FICOU MUITO
VELHINHA/ TAVA SOZINHA E FOI
MORAR LÁ EM CASA/ELA TEVE
DERRAME TRÊS VEZES/ ELA ERA
FORTE/ NÃO ERA FORTE DE GORDA
NÃO/ MAS ERA FORTE/ AÍ AJUDEI
OLHAR ELA E ELA FOI DORMIR NO
MEU QUARTO/ OLHEI ELA ATÉ ELA
MORRER/ MEU PAI E MINHA MÃE
EU QUE OLHEI/ OS OUTROS
AJUDAVAM/ NÉ/ MAS EU QUE
MORAVA LÁ COM ELES CAI TUDO
É MAIS É EM QUEM QUE TÁ LÁ/ NÉ/
GRAÇAS A DEUS/

IMAGEM DE SENHOR SERAFIM
SOZINHO NO PÁTIO

CASEI. CASEI EM CAETANÓPOLIS
CONVIVI EM BELO HORIZONTE

<p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE ENTREVISTA COM SENHOR SERAFIM (PLANO MÉDIO) NO PÁTIO</p>	<p>MAIS DE DEZ ANOS/ FIQUEI VIÚVO/ CONSEGUI DOIS FILHOS/ ADRIANO E ADRIANA/ A MULHER MORREU/ FICOU OS DOIS MENINOS/ UM COM 6 E O OUTRO COM 4/ ENTÃO ELES NÃO ACABOU DE CRIAR COMIGO/ PQ EU PRECISAVA DE TRABALHAR/ AÍ A MINHA SOGRA PEGOU ELES PRA ACABAR DE CRIAR/ E ELES CONVIVEU ATÉ A DATA DE HOJE SEM A MINHA PRESENÇA/ DEPOIS ELES ME PROCURARAM/ ME PROCUROU FICOU UNS TEMPOS COMIGO E MUDOU PRA OURO PRETO/ A MENINA E O MENINO/ E O RAPAZ CASOU AGORA A POUCO TEMPO/ E A MINHA FILHA EU TENHO NETO E BISNETO/ EU TENHO NETO E BISNETO/ ELA TEM/ É TRÊS FILHOS/ E O ADRIANO POR ENQUANTO ELE CASOU AGORA NÃO TEM NÃO/</p>
<p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE SENHOR RAIMUNDO NONATO DANDO ENTREVISTA NO PÁTIO (PLANO MÉDIO)</p>	<p>E DEPOIS COM VINTE E CINCO ANOS EU FUI EMBORA PRA SÃO PAULO/ E LÁ EU FIQUEI VINTE E SETE ANOS/ MAS GRAÇAS A DEUS EU TRABALHEI EM MUITAS FIRMAS/</p>
<p>MESMO PLANO ANTERIOR</p>	<p>E DEPOIS MINHA MÃE ADOECEU E EU VIM EMBORA DE NOVO PRA CÁ/ TINHA UMA CASA FECHADA AI/ E FUI MORAR NELA/</p> <p>AGORA GRAÇAS A DEUS EU TENHO MEU SALÁRIO ENTREGUE NO INSS E TEM A APOSENTADORIA DO SALÁRIO MÍNIMO/ MAS ESSE PAÍS NOSSO NÃO É FÁCIL NÃO/</p> <p>ISSO QUE EU TENHO AÍ/ APOSENTADORIA E TUDO/ É O SOFRIMENTO QUE EU JÁ PASSEI NA VIDA/</p>
<p>IMAGEM DE SENHOR RAIMUNDO NONATO JUNTO DE OUTROS IDOSOS NO PÁTIO DESCANSANDO E TOMANDO SOL</p>	<p>O VELHO NÃO PODE COMPARAR COM O NOVO NÃO/ AS PESSOAS TEM UM DIZER DE QUE AS PESSOAS SÓ TÊM VALOR ATÉ OS 80</p>

<p>MUDANÇA PARA IMAGEM DE IDOSOS MAIS VELHOS NO PÁTIO EM CADEIRAS DE RODAS OLHANDO PARA O NADA E FAZENDO MOVIMENTOS COM AS MÃOS/ AO FUNDO DENTRO DO SALÃO DE CONVIVÊNCIA IDOSOS TENDO AULA</p> <p>TRANSIÇÃO</p> <p>IMAGEM DE MESMOS IDOSOS PORÉM FILMADOS DE OUTRO ÂNGULO E COM OUTRO ENQUADRAMENTO DANDO DESTAQUE PARA SENHOR QUE OLHA ATENTO PARA OUTRA IDOSA</p> <p>TRANSIÇÃO DE VÍDEO</p> <p>ENTRA IMAGEM PLANO MÉDIO DONA EFIGÊNIA</p> <p>CORTE SECO IMAGEM</p>	<p>ANOS/ EU JÁ PASSEI/ AGORA TÔ AFIM DE DESCANSAR O CORPO E NADA DE TRABALHAR</p> <p>SOM AMBIENTE</p> <p>SOM AMBIENTE + BG</p> <p>CONTÍNUA SOM AMBIENTE + BG</p> <p>DEIXA EU FALAR COM VOCÊ/ E O MEU PAI ACABOU NAS MINHAS MÃOS/ CINCO HORAS DA MANHÃ/ ÔH GENTE MAS EU NÃO ESQUEÇO DE JEITO NENHUM/ CINCO HORAS DA MANHÃ/ ELE ME CHAMOU/ E MEU QUARTO ERA ASSIM PERTO DO QUARTO DELE/ ELE ME CHAMOU/ ELE TA ASSIM/ QUANTAS HORAS/ EU FALEI É CINCO HORAS/ELE TÁ ASSIM/ OS MENINOS TODOS ESTÃO AÍ/ OS PEQUENOS/ EU FALEI TÃO SIM/ TÁ TODO MUNDO AÍ/ ELE PERGUNTOU QUANTAS HORAS/ SE OS MENINOS TAVAM AÍ/ E FALOU TRÊS VEZES/ SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS/ TENDE PIEDADE DE MIM/ TRÊS VEZES E FOI ACABANDO/ AÍ EU PEGUEI O CRUCIFIXO E PUS NA MÃO DELE/ ÔH HORA DIFÍCIL/</p>
--	---

<p>IMAGEM PLANO MÉDIO DONA EFIGÊNIA</p>	<p>AÍ DEPOIS PASSOU ISSO TUDO/ PASSOU ISSO TUDO/ EU FIQUEI COM MAMÃE E MAIS UM IRMÃO QUE A GENTE TINHA CRIA.../ UM SOBRINHO QUE A GENTE TINHA CRIADO/ E UM IRMÃO MORAVA LÁ/ AÍ NÓS FOMOS APRUMANDO A VIDA OUTRA VEZ/ DEPOIS DISSO NÓS FICAMOS LÁ MUITOS ANOS/ DEPOIS PASSOU 1970 MAMÃE MORREU/ DEPOIS MAMÃE MORREU/ AÍ QUANDO MAMÃE MORREU VENDEU LÁ A CASA/ E EU VIM PRA DIOGO DE VASCONCELOS E DEPOIS DE DIOGO EU VIM AQUI PRA MARIANA/ E AÍ COMEÇOU MINHA VIDA OUTRA VEZ/</p>
<p>TRANSIÇÃO PARA PRETO</p>	
<p>IMAGEM DE DONA EFIGÊNIA CAMINHANDO NO CORREDOR E PESSOAS PASSANDO LOGO DEPOIS DELA/ ELA ENTRA NO REFEITÓRIO</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>DONA EFIGÊNIA CHAMANDO AMIGA MARIA E CONVERSANDO COM ELA/</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>DONA EFIGÊNIA CONVERSANDO COMIGO NO ANDAR DE CIMA/ ELA DANÇA DURANTE CONVERSA</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>IMAGEM DONA EFIGÊNIA MOSTRANDO BANDEIRA DO APOSTOLADO</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>PASSAGEM DE VÍDEO INTRODUÇÃO DE TEXTO “SER IDOSO”</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	

<p>IMAGEM DE SENHORA SOZINHA NO PÁTIO/ ELA SE ABAIXA E MOSTRA QUE EXISTE OUTRA SENHORA LOGO ATRÁS FORA DO EIXO DE VISÃO DA CÂMERA/ VÁRIAS PESSOAS PASSAM PELO CORREDOR QUE FICA ATRÁS/</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>IMAGEM DE SENHORA CONVERSANDO COM ALGUÉM DENTRO DA LAVANDERIA</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>SENHOR DE CADEIRA DE RODAS DO INICIO DO FILME NA MESMA POSIÇÃO DO INICIO PORÉM AGORA SOZINHO E NO PÁTIO</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>SENHOR SERAFIM DENTRO DE SALÃO DE CONVIVÊNCIA MEXENDO NO CELULAR</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>SENHOR DO INICIO DO FILME PORÉM AGORA EM PLANO DE DETALHE E APARECE O ROSTO</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>ENTRA TEXTO SOBRE IDOSOS NO BRASIL</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE SENHOR RAIMUNDO EM ENTREVISTA NO PÁTIO</p>	<p>O QUÊ QUE É ENVELHECER PARA O SENHOR</p> <p>AH É BOM/ EU GRAÇAS A DEUS ME SINTO/ EU COMO BEM ME ALIMENTO BEM/ TENHO AMIZADE COM TODO MUNDO/ MOREI EM SÃO PAULO 27 ANOS/ QUANDO EU SAI ELES SENTIU/ EU COMPREI UM TERRENO/ TINHA UM POMAR DE TUDO QUANTO É COISA/ CASA DE QUATRO COMODOS COBERTA DE LAGE/ E NÃO DEIXEI INIMIZADE</p>

	<p>COM NINGUEM EM TODA FIRMA QUE TRABALHEI/</p> <p>ENTÃO ENVELHECER PRO SENHOR FOI BOM/</p> <p>OH/ AGORA AQUI UM DESCANSO/ MELHOR DESCANSO QUE EXISTE/</p>
<p>ENTRA IMAGEM DONA EFIGÊNIA DANDO ENTREVISTA NO PÁTIO</p>	<p>ENVELHECER É QUE A GENTE TEM QUE ACEITAR QUE TA FICANDO MAIS IDOSO/ MAIS VELHO/ QUE É O DESTINO DE TODO MUNDO/ QUEM VIVEM MUNDO TEM QUE AGRADECER A DEUS/ O MAIS QUE PRECISA É AGRADECER A DEUS/</p>
<p>ENTRA IMAGEM DE SENHOR SERAFIM DANDO ENTREVISTA NO PÁTIO PLANO MÉDIO</p>	<p>DEUS É MUITO BOM/ TUDO QUE EU PEDI ELE/ ELE JA FEZ MUITA COISA BOA PRA MIM/</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>ENTRA IMAGEM DE IDOSOS EM SALA DE CONVIVÊNCIA ASSISTINDO MISSA PELA TV</p>	<p>SOM AMBIENTE</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>ENTRA IMAGEM DE SENHORA REZANDO/ FAZENDO SINAL DA CRUZ/ E AO FUNDO SENHOR SERAFIM</p>	<p>SOM AMBIENTE</p> <p>ENTRA BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>SENHOR DE CADEIRA DE RODAS DO ÍNICIO DO VÍDEO SAI DA COZINHA QUE TAMBÉM RELEMBRA O INÍCIO DO DOCUMENTÁRIO E VEM COM SUA CADEIRA DE RODAS NA NOSSA DIREÇÃO, EM DETERMINADO MOMENTO ELE OLHA PARA A CÂMERA E SORRI.</p>	<p>SOM AMBIENTE + BG</p>
<p>TRANSIÇÃO</p>	
<p>DONA EFIGÊNIA OLHA DIRETO PRA CÂMERA SEGURANDO EM GRADE DA ENTRADA DO AMBIENTE DE CONVIVÊNCIA.</p>	<p>CONTINUA SOM AMBIENTE + BG</p>

TRANSIÇÃO	
SENHOR JOÃO EUSTÁQUIO DE COSTAS PRA CÂMERA, OLHANDO PARA A RUA EM MOVIMENTO.	CONTINUA SOM AMBIENTE + BG
CRÉDITOS FINAIS COM FOTOS	SEM SOM

Certifico que o aluno Fábio Júnio Pereira, autor do trabalho de conclusão de curso intitulado *TRACEJOS DO TEMPO - As marcas do envelhecimento e a história de idosos do Lar Santa Maria*, efetuou as correções sugeridas pela banca examinadora e que estou de acordo com a versão final do trabalho.

Mariana, 15 de agosto de 2018.

A handwritten signature in purple ink that reads "Adriano Medeiros da Rocha".

Prof. Dr. Adriano Medeiros da Rocha
Orientador